

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA**

JULIANA DE OLIVEIRA FERREIRA

**A DANÇA NO ESPAÇO ESCOLAR:
O CASO DE JUIZ DE FORA**

JUIZ DE FORA

2022

JULIANA DE OLIVEIRA FERREIRA

**A DANÇA NO ESPAÇO ESCOLAR:
O CASO DE JUIZ DE FORA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Pedagogia, da Faculdade de Educação, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Orientador: Prof. Dr. Francione Carvalho de Oliveira.

JUIZ DE FORA

2022

RESUMO

Essa pesquisa busca analisar a presença da dança da Educação Básica, mais especificamente na cidade de Juiz de Fora (MG). Para isso, busca-se analisar os documentos que norteiam a educação no país, além analisar o discurso de quatro professores de dança da Rede Municipal de Educação de Juiz de Fora. A pesquisa é de âmbito qualitativo, por permitir amplas possibilidades de estudos, medindo opiniões, atitudes, preferências e comportamentos. Com isso, é de interesse da pesquisa identificar como a dança está presente no dia a dia das escolas, se é reconhecida como área de conhecimento e quais as percepções dos professores de dança sobre a temática. Espera-se que com essa diligência, seja aberta uma rede de reconhecimento da importância da dança na Educação Básica, além de reafirmar e apresentar as conquistas até o dado momento.

Palavras-chave: Arte, Dança, Educação Básica.

ABSTRACTO

Esta investigación busca analizar la presencia de la danza de Educación Básica, más específicamente en la ciudad de Juiz de Fora (MG). Para ello, buscamos analizar los documentos que orientan la educación en el país, además de analizar el coloquio de cuatro profesores de danza de la Red Municipal de Educación de Juiz de Fora. La investigación es de alcance cuantitativo, ya que permite amplias posibilidades de estudio, midiendo opiniones, actitudes, preferencias y comportamientos. Así, es de interés para la investigación identificar cómo la danza está presente en el día a día de las escuelas, si es reconocida como un área de conocimiento y cuáles son las percepciones de los profesores de danza sobre el tema. Se espera que con esta diligencia se abra una red de reconocimiento a la importancia de la danza en la Educación Básica, además de reafirmar y presentar los logros alcanzados hasta el momento.

Palabras clave: Arte, Danza, Educación Básica.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	6
1 A DANÇA NA EDUCAÇÃO BÁSICA	6
1.1 QUANDO A DANÇA CHEGA NA EDUCAÇÃO BÁSICA?	7
1.2 COMO A DANÇA APARECE NA BASE NACIONAL COMU CURRICULAR DOS ANOS INICIAIS?	10
1.3 A DANÇA NA EDUCAÇÃO BÁSICA DE MINAS GERAIS	12
1.4 A DANÇA NO CURRÍCULO DA EDUCAÇÃO BÁSICA DE JUIZ DE FORA ..	15
2 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS	19
2.1 CONCEPÇÕES E PERSPECTIVAS SOBRE O TEMA DA DANÇA NAS ESCOLAS	20
2.2 POSSIBILIDADES E DESAFIOS NA IMPLEMENTAÇÃO DE AÇÕES QUE VISEM O FORTALECIMENTO DA DANÇA COMO UMA LINGUAGEM ARTÍSTICA	23

2.3 POSSIBILIDADES E DESAFIOS NA IMPLEMENTAÇÃO DA DANÇA NAS ESCOLAS

28

CONSIDERAÇÕES

FINAIS

.....34

INTRODUÇÃO

O movimento está presente na vida da criança mesmo antes dela saber falar, ou seja, o movimento é um dos primeiros meios de comunicação que um bebê desenvolve. Com o passar do tempo é ensinado as nossas crianças que elas não podem se mover demais. Nas escolas encontra-se uma cultura à imobilidade, onde alunos tendem a ficar sentados horas por dia.

Esse hábito de domesticar os corpos das crianças é presente desde a educação infantil, sendo comum encontrar espaços educativos para crianças bem pequenas, com mesas escolares para que esse processo de imobilidade seja inserido desde cedo. Se o aluno não se senta é visto como indisciplinado. “A imobilidade física funciona como punição e a liberdade de se movimentar como prêmio” (STRAZZACAPPA, 2001).

Apesar de o papel da dança na escola estar sendo alvo de grandes discussões, ainda não existem medidas sendo tomadas fora de aulas especializadas, como a de educação física e artes, isso porque são poucas as cidades que têm a dança como parte do currículo escolar. Essa situação deixa a sensação de que a dança não se caracteriza como área de conhecimento autônomo, visto que aparenta não ter conteúdo próprio (STRAZZACAPPA, 2003).

A Base Nacional Comum Curricular indica que crianças tenham oportunidade de vivenciar práticas corporais, movimentos e gestos. Ainda assim, encontram-se problemas nesses documentos, como o vínculo da dança como unidade temática da Educação Física, reforçando a ideia de que a dança é uma atividade física e não uma expressão artística. Dessa maneira, deve-se pensar no papel que a dança pode exercer em ambientes escolares, e os enfrentamentos a serem superados em um sistema que visa formar corpos dóceis e estáticos e que não reconhecem o real valor dessa manifestação artística.

O intuito dessa pesquisa é justamente esse: analisar e apresentar a importância do reconhecimento da dança como área de conhecimento dentro dos espaços escolares.

1 A DANÇA NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Apresenta-se nesse primeiro capítulo uma breve exposição sobre o espaço que a dança conseguiu alcançar no que se refere à Educação Básica. Quais são os documentos que apresentam a dança e como ela aparece frente a eles. Busca-se analisar também os currículos estaduais e municipais referentes a cidade de Juiz de Fora (MG) para delinear qual a conjuntura da dança na Educação Básica nesse município.

Analisa-se, também, a Base Nacional Comum Curricular dos anos Iniciais e Ensino Fundamental, aprovada em 2017, da qual conduz a Educação Básica agora.

1.1 QUANDO A DANÇA CHEGA NA EDUCAÇÃO BÁSICA?

A dança chega à escola através da inserção da educação física na matriz curricular. A educação física, como disciplina, foi introduzida no espaço escolar no final do século XIX no Brasil (BEZERRA; RIBEIRO, 2020). Nesse contexto, a dança representava uma atividade recreativa e até mesmo festiva, sempre acompanhada de uma inerente idealização de atividade extracurricular que, em suma, acarreta a sua desvalorização como linguagem artística, uma vez que atrelada à educação física, anula-se características, valores e importância própria.

A dança tem seus primeiros registros como componente obrigatório em currículos referentes a Educação Básica somente no ano de 1996, com a publicação das Leis de diretrizes e Bases, 9394/96. Anterior a esse registro, encontra-se referências rasas quando se menciona o ensino da dança na Educação Básica. Não é encontrado nenhuma menção direta em currículos que definem as diretrizes e bases da educação de Arte.

No ano de 1961 é aprovada a primeira lei brasileira atribuída a Educação, aonde o ensino de artes é afirmado no Art. 38, item IV. Nesse momento, refere-se a esse ensino como atividades complementares de iniciação artística, e sem nenhuma alusão a dança ou a outras linguagens da arte.

Em 1971, na publicação da Lei N° 5.692- LDB 5692/71, aparece pela primeira vez o termo “educação artística”, quando se referem a incorporação de arte no currículo escolar.

Essa obrigatoriedade da Educação Artística na educação básica não foi suficiente para que essa área de ensino alcançasse o status de disciplina, mas apenas a condição de “atividade educativa”. Esta é compreendida como conteúdo não sistematizado no “currículo comum”, portanto não são componentes curriculares, mas atendem, de certa forma, aos objetivos propostos no projeto escolar. Ainda que com essa distinção da Educação Artística como atividade educativa, foi a partir da sua presença obrigatória nos ensinos de 1º e 2º Graus, que se tem início “a formulação de currículos mínimos para os cursos de Licenciatura em Educação Artística, em 1973” (BEZERRA; RIBEIRO, 2020, p. 9).

Naquele momento, era requerido a polivalência do professor. Isso significava que, nas aulas, os professores deveriam abordar as múltiplas linguagens da arte. Para atender a diligência de capacitação repentina de professores, o governo desenvolveu uma formação universitária de licenciaturas, o que ocasionou em uma formação falha, já que o período de formação era de apenas dois anos para aprender sobre todas as linguagens artísticas.

É notável o descaso governamental da época, que equivocadamente ou intencionalmente, pretendia formar um profissional competente, capaz de lecionar com domínio de conteúdo e múltiplas linguagens da arte em sala de aula, sem oferecer o mínimo de condições estruturais e materiais para tal. Assim, mantinha-se a ideia de uma formação mínima também para os trabalhadores da educação, como mais uma mão de obra barata, para atingir o que preconizava o currículo previsto em lei. Assim, tal política, ou a ausência desta, ocasionou uma baixa qualidade do ensino em arte, além de, possivelmente, deixando-se levar pelos ideários dos militares e civis que compunham o governo (FURLAN; FIUZA, 2013. p. 3).

Vinte e cinco anos depois, com a publicação da Lei de Diretrizes e Bases, é criada a Lei N° 9394/96, “Art. 20 §2º - O ensino da arte constituirá componente curricular obrigatório, nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos” (BRASIL, 1996). Somente nesse momento, o ensino de Arte, em suas linguagens, passa a ser determinado na Educação Básica.

Baseado na Lei de Diretrizes e Bases, foi desenvolvido em 1997 um documento contingente, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), do qual buscava formar bases

auxiliadoras para professores frente ao ensino da Arte e suas quatro linguagens (dança, artes visuais, música e teatro). Esse documento apresenta definições e orientações individuais para cada linguagem artística, o que foi um passo importante e inovador frente a batalha de reconhecimento da importância de cada expressão. É ressaltado ainda a importância da educação da dança na escola, porém suas atribuições são vinculadas ao conteúdo de Educação Física:

A atividade da dança na escola pode desenvolver na criança a compreensão de sua capacidade de movimento, mediante um maior entendimento de como seu corpo funciona. Assim, poderá usá-lo expressivamente com maior inteligência, autonomia, responsabilidade e sensibilidade. Tal visão está de acordo com as pesquisas mais recentes feitas pelos neurocientistas que estudam as relações entre o desenvolvimento da inteligência, os sentimentos e o desempenho corporal. Essas novas teorias criam um desafio à visão tradicional que separa corpo e mente, razão e emoção (BRASIL, 1997, p. 11).

Destaca-se que nos anos finais da década de 90, houve um avanço nas discussões mundiais acerca da importância da educação, que passou a ser vista como fundamental para o desenvolvimento econômico e social (VAZ, 2010). Isso enfatiza uma interferência neoliberal nas medidas educativas. Medidas que objetivavam adequar o Brasil à nova ordem, bases para reforma educativa que tem na avaliação a chave-mestra que abre caminho para todas as políticas: de formação, de financiamento, de descentralização e gestão de recursos (BEDIN; VIEIRA, 2013).

Desse modo, com um histórico de ausências nos espaços escolares alinhado com a inclinações políticas direcionadas a formação de pessoas habilitadas a entrarem no mercado capitalista, os documentos publicados não foram suficientes para a implementação eficaz da dança nas escolas, o que aconteceu também em outras linguagens artísticas, como na música. Para isso esses documentos devem ser significados e ressignificados pela ação dos educadores em seus contextos específicos (BEDIN; VIEIRA, 2013).

Em 2016 foi aprovada a Lei nº 13.278, que instituiu uma alteração no §6º do Art. 26 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (LDB 9394/96), referentes ao ensino da arte:

Art. 26. Os currículos da educação infantil, do ensino fundamental e do ensino médio devem ter base nacional comum, a ser complementada, em cada sistema de ensino e em cada estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida

pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e dos educandos.

§ 2º O ensino da arte, especialmente em suas expressões regionais, constituirá componente curricular obrigatório da educação básica.

§ 6º As artes visuais, a dança, a música e o teatro são as linguagens que constituirão o componente curricular de que trata o § 2º deste artigo (BRASIL, 1996).

Segundo SILVA (2018), a publicação dessa Lei é resultado de uma soma de esforços, principalmente da federação de Arte Educadores do Brasil- FAEB, que desde 2006, solicita essa mudança.

1.2 COMO A DANÇA APARECE NA BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR DOS ANOS INICIAIS?

Publicada em 2017, a Base Nacional Comum Curricular, tem como finalidade viabilizar a qualidade do ensino brasileiro na Educação Básica. Por meio desse documento, busca-se guiar o que é ensinado nas escolas, desde a educação infantil, até o ensino médio.

A BNCC tem sua obrigatoriedade definida na Constituição de 1988, prevista na Lei de Diretrizes e Bases LDB9394/1996. Dessa maneira, todas as escolas, sejam elas públicas ou privadas, devem desenvolver seus currículos e propostas pedagógicas baseados na Base. A proposta do MEC¹ é buscar a padronização de sessenta por cento do currículo da educação básica, que será obrigatório, e orientar a elaboração do projeto político pedagógico (SILVA,2018).

Vale evidenciar, como SILVA (2018) apresenta em sua pesquisa, que a elaboração da primeira versão da BNCC (2015) teve grande participação de entidades do governo e de instituições vinculadas a empresas e empresários brasileiros considerados bilionários, excluindo a participação de entidades representantes de trabalhadores e pesquisadores da educação.

A orientação oficial da BNCC, publicada em vinte de dezembro de 2017 é:

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens

¹ Ministério da Educação: Órgão brasileiro responsável pela educação no Brasil.

essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica, de modo a que tenham assegurados seus direitos de aprendizagem e desenvolvimento, em conformidade com o que preceitua o Plano Nacional de Educação (PNE) (BRASIL, 2017, p.7).

São estabelecidas dez competências gerais, competências essas definidas no documento como a mobilização de conhecimentos (conceitos e procedimentos), habilidades (práticas, cognitivas e socioemocionais), atitudes e valores para resolver demandas complexas da vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho (BRASIL, 2017).

No que se refere aos anos iniciais, a BNCC apresenta uma breve dissertação inicial, salientando os pontos a serem explorados e quais experiências espera-se que sejam abordadas. O documento reparte seu texto e orientações em áreas de conhecimento (Linguagens, Matemática, Ciências da Natureza, Ciências Humanas e Ensino Religioso). Essas áreas apontam unidades temáticas e habilidades que precisam ser instruídos a cada ano, sempre atentando-se a evolução do aluno.

A dança vai aparecer na BNCC em duas atuações diferentes dentro da área de Linguagens: Nas menções ao ensino de Arte e de Educação Física. No componente Educação Física, a dança do Brasil vai ser abordada no documento no que são denominadas unidades temáticas, sendo elas Brincadeiras e Jogos e Danças e Lutas. Já no componente Arte, a dança aparece como um subcomponente, sendo foco dos objetos de conhecimento Processo de criação, Contextos e Práticas, e Elementos da Linguagem.

Na descrição do componente Arte, o documento apresenta as quatro linguagens artísticas como foco central e ressalta dimensões a serem alcançadas e trabalhadas nos Anos Iniciais:

Criação: refere-se ao fazer artístico, quando os sujeitos criam, produzem e constroem. Trata-se de uma atitude intencional e investigativa que confere materialidade estética a sentimentos, ideias, desejos e representações em processos, acontecimentos e produções artísticas individuais ou coletivas. Essa dimensão trata do apreender o que está em jogo durante o fazer artístico, processo permeado por tomadas de decisão, entraves, desafios, conflitos, negociações e inquietações.

Crítica: refere-se às impressões que impulsionam os sujeitos em direção a novas compreensões do espaço em que vivem, com base no estabelecimento de relações, por meio do estudo e da pesquisa, entre as diversas experiências e

manifestações artísticas e culturais vividas e conhecidas. Essa dimensão articula ação e pensamento propositivos, envolvendo aspectos estéticos, políticos, históricos, filosóficos, sociais, econômicos e culturais.

Estesia: refere-se à experiência sensível dos sujeitos em relação ao espaço, ao tempo, ao som, à ação, às imagens, ao próprio corpo e aos diferentes materiais. Essa dimensão articula a sensibilidade e a percepção, tomadas como forma de conhecer a si mesmo, o outro e o mundo. Nela, o corpo em sua totalidade (emoção, percepção, intuição, sensibilidade e intelecto) é o protagonista da experiência.

Expressão: refere-se às possibilidades de exteriorizar e manifestar as criações subjetivas por meio de procedimentos artísticos, tanto em âmbito individual quanto coletivo. Essa dimensão emerge da experiência artística com os elementos constitutivos de cada linguagem, dos seus vocabulários específicos e das suas materialidades.

Fruição: refere-se ao deleite, ao prazer, ao estranhamento e à abertura para se sensibilizar durante a participação em práticas artísticas e culturais. Essa dimensão implica disponibilidade dos sujeitos para a relação continuada com produções artísticas e culturais oriundas das mais diversas épocas, lugares e grupos sociais (BRASIL, 2017, p. 192).

De acordo com Silva (2018) o documento preliminar da BNCC apresentava vários desacertos em relação ao ensino de arte, entre eles a volta da polivalência, que como já foi destacado nesse texto, foi uma ação de total imprudência do governo com o ensino de arte na educação básica. Assim, na sua última versão, a BNCC, apesar das pequenas alterações, continuou relapsa a esse assunto em alguns pontos, como pode se destacar a atenuação das linguagens artísticas à unidades temáticas, além de considerar o componente Arte como habilidade prática e socioemocional, deixando a concepção de que a dança, a música, o teatro e as artes visuais não se caracterizam como área de conhecimento.

Pode-se destacar também a presença da dança no componente Educação Física. Atribuir a dança como unidade temática desse componente gera quase que automaticamente a anulação dessa linguagem artística como tal. Katz (1994) afirma que a dança é o pensamento do corpo, e que essa característica a diferencia de outros movimentos que o corpo faz como a ginástica, a mímica e os esportes. Sendo assim, associar o ensino da dança nesse componente é o mesmo que enunciar que a dança não tem importância e características própria.

Apesar da BNCC ampliar as possibilidades do contato com a Arte na Educação Básica, comparado com os PCNs, deve-se concluir que a dança ainda não é reconhecida como área de conhecimento próprio, e que para além disso, a implementação dessa linguagem nos espaços escolares ainda encontra obstáculos frente a documentos oficiais.

1.3 A DANÇA NA EDUCAÇÃO BÁSICA DE MINAS GERAIS

Minas Gerais está entre os estados com melhores resultados no Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica (SAEB), que até o ano de 2019 avaliava exclusivamente duas disciplinas: Língua Portuguesa e Matemática, mostrando assim mais um cenário de descaso frente ao ensino de Arte e outras disciplinas objetivadas como secundárias na educação básica.

O Conteúdo Básico Curricular (CBC) foi desenvolvido no ano de 2005 pela Secretaria de Educação do Estado de Minas Gerais (SEE-MG), e como Cauam e Galieta (2012) afirmam, a justificativa para elaboração dessa nova proposta foi a de que o ensino tradicional estaria desgastado e ultrapassado nas suas abordagens e conteúdos.

O ensino de Arte foi abordado pelo documento desde a sua primeira publicação. No ano de 2014, CBC afirma que a Arte na escola deve ser vista como o direito de os alunos terem acesso ao patrimônio artístico da humanidade, valorizando as experiências estéticas, como forma de ampliar o conhecimento de mundo da criança (MINAS GERAIS, 2014). Dessa maneira, o documento de Arte organiza-se em quatro eixos principais, alcançando as suas quatro linguagens (Artes Visuais, Dança, Música e Teatro), e afirma que a proposta é oferecer oportunidades lúdicas e criativas de experiências estéticas às crianças, não apenas para ampliar seus conhecimentos sobre a Arte, mas também os modos de se relacionar consigo mesmo, com os outros e com o mundo (MINAS GERAIS, 2014).

Apresentado no CBC como Eixo dois, o ensino da dança visa alcançar, segundo o documento, o desenvolvimento da compreensão da capacidade de movimento. A partir do momento em que ele (o aluno) entende o funcionamento do seu corpo, começa a se expressar com harmonia, sensibilidade e autonomia (MINAS GERAIS, 2014). O documento vai orientar as competências e habilidades que tinham que ser desenvolvidas e conteúdos a serem trabalhados.

É afirmado no CBC ainda que o professor deve trabalhar a dança no sentido de fazer com que seus alunos se reconheçam como fisicamente expressivo (MINAS GERAIS,

2014), e apresentado uma série de orientações pedagógicas para professores. O documento ainda destaca a importância da presença de professores com formações específicas para cada linguagem artística abordada, porém afirma que na ausência desse cenário ideal o professor deve desenvolver duas linguagens na carga horária da aula e procurar outras formas dos alunos terem contato com as outras linguagens (MINAS GERAIS, 2014). Como Bastos (2019) afirma, essa circunstância pode gerar um entendimento de polivalência e superficialidade das linguagens artísticas.

Com a implementação da BNCC para o norteamento da formulação de currículos e propostas pedagógicas, a SEE-MG elaborou um novo arquivo com a colaboração da União Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação de Minas Gerais (UNDIME-MG) com a finalidade de assegurar a formatação a partir da Base.

Minas Gerais avança ao propor um currículo referência que coloca as crianças, adolescentes, jovens e adultos no centro do processo de ensino e aprendizagem; que dialoga e considera os sujeitos numa visão integral, com múltiplos anseios e necessidades de formação; que reverbera o processo de ensino e aprendizagem de forma participativa e produtora de conhecimentos, imanente às realidades dos atores participantes; que inova numa visão de formação para além dos conteúdos escolares, e também para as práticas nas relações sociais no e com o mundo (MINAS GERAIS, 2019, p. 8).

A Arte vai aparecer no Currículo Referência de Minas Gerais dentro da área de conhecimento das Linguagens, juntamente com Língua Portuguesa, Educação Física e Língua Inglesa. Segundo o Currículo:

A finalidade dessa área é possibilitar aos estudantes compreender, criar e se utilizar de práticas diversificadas, que lhes permitam ampliar suas capacidades expressivas e de comunicação em manifestações artísticas, corporais e linguísticas, num contínuo às experiências vividas na Educação Infantil (MINAS GERAIS, 2019, p. 216).

Ao abordar o conteúdo Arte, o documento apresenta um breve contexto histórico, que leva a exposição das leis que garantem o ensino da disciplina na educação básica. Apresenta-se também o que se pretende trabalhar com esse componente e quais são os

objetivos a serem alcançados, abordando sempre as quatro linguagens artísticas. O Currículo Referencial ainda afirma que é necessário afastar o respaldo do currículo no que se diz respeito a algumas correntes de ensino de arte, como a polivalência de professores e o ensino de arte tecnicista, o que data uma certa relevância, considerando os documentos anteriores e a desvalorização das linguagens artísticas como áreas de conhecimentos específicos.

Apesar do esforço do documento em relação a inserção da Arte na educação Básica, o Currículo Referencial, assim como a BNCC, atribui características e habilidades exclusivas do campo socioemocional:

Somado ao fato de as escolas, muitas vezes, definir poucas aulas para a arte, há uma tendência à desvalorização e descaso para o componente curricular pela comunidade escolar, sobretudo pelos colegas da educação e até mesmo pelos próprios estudantes e pais. Isso, contudo, não deve diminuir sua importância, no desenvolvimento cognitivo, motor, afetivo, estético e social dos estudantes, permeados pela arte (MINAS GERAIS, 2019, p. 216).

O arquivo ainda apresenta a dança como unidade temática. Desse modo, apesar das discussões abordadas no decorrer do seu texto, a dança segue com uma importância contingente. É válido ressaltar também que o documento foi elaborado sem a participação de profissionais de todas as áreas da Arte. Estavam presentes na elaboração do Currículo um profissional em Artes Visuais, um com formação em Música e outro com formação em Pedagogia (MINAS GERAIS, 2018a).

Em base, o que se espera do conteúdo e habilidades a serem desenvolvidos na dança, são parecidos com os referentes na BNCC. Consciência corporal, trabalho com a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório corporal, trabalho com ritmo e movimento, consciência espacial, desenvolvimento da criatividade, trabalho com a improvisação, e o desenvolvimento de habilidades socioemocionais específicas, tal como o diálogo.

A dança vai aparecer dentro de componentes específicos da área de Linguagens, como na Língua Portuguesa, ao ser reconhecido a utilização de diferentes linguagens, além da verbal, para a avaliação dos conteúdos, tais como dança, música, teatro, pintura etc.

Dessa maneira, evidenciasse que o Currículo Referencial de Minas Gerais, apesar do seu marco pioneiro de elaborar um currículo seguindo orientações da BNCC, ainda apresenta alguns desacertos no que se refere a dança, uma vez que essa linguagem artística, assim como as outras, não ocupa uma atribuição efetiva de importância como área de conhecimento.

1.4 A DANÇA NO CURRÍCULO DA EDUCAÇÃO BÁSICA DE JUIZ DE FORA

Juiz de Fora é uma cidade do interior de Minas Gerais, com a população aproximada em 568.873 habitantes segundo a estimativa de 2019 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas. Segundo a Secretaria de Educação de Juiz de Fora, a cidade conta com cerca de quarenta e um mil estudantes matriculados nas cento e uma escolas municipais.

O município de Juiz de Fora oferece a seus alunos aulas de dança desde o ano de 1996.

Essas aulas iniciaram com a inauguração dos Centros de Atenção Integral à Criança e ao Adolescente – CAICs e integraram a parte diversificada do currículo. Campos em entrevista a Oliveira (2016) explica que o desenvolvimento dessa arte, se deu por meio de solicitação da comunidade que, ao ser interrogada sobre qual atividade gostariam de fazer, responderam desejavam cursar dança (SILVA, 2018, p. 86).

Em 2012 foi elaborada a Proposta Curricular da Rede Municipal, pela Secretaria de Educação a fim de gerar reflexões teórico-práticas nas escolas. Visando a discussão entorno das questões pedagógicas, a Proposta não foi considerada uma matriz curricular fechada, mas sim a busca de uma aproximação do sistema com representantes da educação.

O caderno de Arte vai se organizar em quatro capítulos que se referem as linguagens artísticas, e logo na introdução geral do documento, afirma-se como um dos objetivos gerais do ensino de Arte, o reconhecimento dela como área de conhecimento. Esse objetivo em comparações com outros documentos oficiais, seja no âmbito regional ou nacional,

apresenta-se como precursor e necessário, uma vez que não se encontra a Arte como área de conhecimento próprio, resultando em uma desvalorização dessa área.

Desse modo, a Proposta ainda vai ressaltar a necessidade do que se denomina “Salas-ambiente”, uma vez que é posto como necessários “recursos didáticos variados que proporcionam combinações estéticas e produções artísticas em coerência com as abordagens sugeridas” (JUIZ DE FORA, 2012).

É destacado também a necessidade de formação continuada para os professores. A prefeitura de Juiz de Fora oferece a professores da rede municipal anualmente cursos, oficinas, palestras e atividades de formação continuada, a fim de aprimorar seus profissionais e melhorar o processo de ensino-aprendizagem nas escolas. Os cursos de formação continuada em dança são oferecidos desde 2007, como Silva (2014) destaca:

Até 2012, os cursos de formação continuada em dança eram oferecidos tanto para professores de dança como para professores de outras disciplinas. No ano de 2013, os professores de dança solicitaram que o curso fosse direcionado somente para a classe, pois o interesse era a atualização e aprofundamento sobre as discussões na área, o que naquele contexto era impossibilitado pela diversidade de interesses dos professores das outras áreas. A oferta crescente de cursos se deve a dos professores a formação, pois, a cada final de curso a SE contabiliza os inscritos e os participantes para que ocorra uma nova oferta (SILVA, 2014, p.4).

No que se refere a dança, a Proposta Curricular da Rede Municipal afirma:

Ao se tratar do ensino da dança na escola é necessário considerar que crianças e adolescentes se comunicam corporalmente e necessitam, em suas diversas fases, entrar em contato com atividades que priorizem a organização do movimento como linguagem e como forma de habitar o mundo. No estudo do organismo humano, não é possível considerar o corpo sem movimento. As ciências cognitivas afirmam que é o movimento que dá ignição para a elaboração do pensamento. O corpo que dança está em constante transformação, trocando informações, construindo mapas, imagens e o pensamento incorporado. É o corpomídia descrevendo os processos comunicativos e cognitivos estabelecidos pelo corpo em movimento (JUIZ DE FORA, 2012. p. 20).

Desse modo, apresenta-se uma série de propostas afim de orientar as ações dentro das escolas. É contemplado no texto áreas como os estudos dos movimentos artísticos em diferentes épocas e culturas, elementos da linguagem do movimento e domínio do discurso da dança. É apontado também a necessidade de ampliar o repertório artístico e cultural do aluno, propiciando assim o contato com as mais diferentes danças, como dança indígena, dança afro, dança popular, balé clássico, jazz, dança moderna etc.

Diante da publicação da BNCC, a Secretaria de Educação da cidade elaborou, no ano de 2020, um documento que conversava e alinhava os objetivos da Base com os objetivos da Proposta Curricular da Rede Municipal, no que diz respeito a Arte. Em um primeiro momento há um estudo comparativo, visando a compreensão de como a Arte e suas linguagens aparecem em ambos os documentos e os pontos semelhantes e divergentes das propostas.

No documento, é ressaltado que a Proposta Curricular de Arte de Juiz de Fora atribui às Linguagens Artísticas como área de conhecimento, divergindo nesse ponto da Base Nacional Comum Curricular, como já apresentado anteriormente. Porém, no que diz respeito a objetivos e competências, os dois documentos são compatíveis em diversos momentos.

O arquivo também vai destacar o espaço que o professor tem na proposta da Rede Municipal, reafirmando sua autonomia, presença de projetos de formação continuada e ações artístico-culturais. É importante destacar essas concepções, uma vez que na BNCC o conceito da polivalência é presente.

Ao final do estudo comparativo, foi concluído que, por considerar a PCRM/Arte (JUIZ DE FORA, 2012a) em conformidade com os postulados da BNCC (BRASIL, 2017b), a Secretaria de Educação da Prefeitura de Juiz de Fora (SE/PJF) resolve manter o documento municipal como norteador das práticas pedagógicas para o ensino de Arte em Juiz de Fora (JUIZ DE FORA, 2020).

Dessa maneira, diante de pequenas atualizações, a Proposta Curricular da Rede Municipal de Juiz de Fora segue norteando as práticas educativas das escolas. Na parte em que se refere a Dança, o documento continuou praticamente inalterado. Levando em

consideração as novas demandas, acrescentou em seu texto, quando apresenta a importância do desenvolvimento do conhecer de diferentes formas de expressão dessa linguagem, a importância do uso de tecnologias digitais ou outros dispositivos da atualidade.

2 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Nesse momento apresenta-se os dados e a análise dos mesmos, como referido no começo desse texto. Primeiramente, buscou-se delinear o trabalho que vem sendo realizado dentro dos espaços escolares da cidade de Juiz de Fora (MG), além de mapear as carências das práticas e a busca por medidas que ajudem na implementação da dança nas escolas como uma linguagem artística que permite aos alunos se expressarem através do movimento.

Inicialmente, a entrevista foi dividida em três eixos principais: 1. Mapeamento de estratégias acerca de processos da inclusão da dança nas escolas; 2. Possibilidades e desafios na implementação de ações que visem o fortalecimento da dança como uma linguagem artística; 3. O currículo das escolas.

Foram entrevistados três professoras e um professor, com principal atuação na dança. As entrevistas foram gravadas, transcritas e serviram para estruturar a discussão empírica do trabalho. Os nomes adotados serão fictícios para não comprometer a identificação dos entrevistados.

A primeira entrevistada (identificada como Maria, 34 anos), relatou que atua com dança e educação há dez anos. Quando questionada sobre sua formação acadêmica, ela atestou ser licenciada e bacharelada em Dança, ter uma especialização em Teatro e Dança na Educação, e mestrado em ensino das Artes Cênicas. Maria também expôs que atualmente atua tanto na rede pública, quanto na privada, e em ambas as redes com aulas de dança, além de estar na Secretaria de Educação, na supervisão de Arte e Cultura.

A entrevistada Ana, de 38 anos, afirmou que está atuando com a dança nas escolas fazem dez anos. Sobre sua formação acadêmica, ela narrou ser licenciada em Dança pela Universidade Federal de Viçosa. Atualmente trabalha como professora de dança em uma escola da rede pública, com alunos do terceiro ao quinto ano dos anos iniciais, nos projetos do município.

A entrevistada Ema, 55 anos, confessou atuar com dança e educação há trinta e oito anos, em diferentes redes, sendo na pública e na privada, além de ser fundadora de uma academia de dança na cidade. Segundo Ema, ela é graduada em Arte, em suas quatro linguagens, e em Educação Física. Atualmente cursa pós-graduação em Dança e Teatro pela FARESE e Dança em Cadeira de Rodas pela UFJF. A entrevistada relatou que atualmente é professora de dança em uma escola da rede municipal, a mesma que atua há doze anos, além de estar em escolas privadas e na sua academia de dança.

Por último, o entrevistado João, de 52 anos, afirmou trabalhar com a dança na educação há cerca de vinte e cinco anos. Sua formação principal é em Educação Física, mas ele conta com uma especialização em Dança. Atualmente atua na rede pública, porém possui experiências na rede privada, além de ter atuações como professor de educação física.

Compreende-se que os entrevistados têm experiências profissionais variadas, tendo atuado em diversas escolas ao longo de suas carreiras.

2.1 CONCEPÇÕES E PERSPECTIVAS SOBRE O TEMA DA DANÇA NAS ESCOLAS

O principal foco desse eixo foi analisar o envolvimento dos entrevistados com o tema. Quais eram as suas concepções e implicações com a dança, e como eles compreendiam a importância dessa arte nas escolas.

Em um primeiro momento, para introduzir o tema, foi questionado para os entrevistados o que era dança para eles, e quais palavras e sentimentos surgiam quando começavam a refletir um pouco sobre esse tema. Palavras como sentimento, liberdade, transformação e movimento foram usadas para responder à questão levantada.

Em seguida, foi questionado qual era a opinião deles em relação a dança nas escolas de Juiz de Fora. Nesse momento as respostas se diversificaram: as professoras que contavam com a licenciatura em dança reconheceram que o município está à frente da

maioria das redes públicas do país, e os professores que contavam com sua formação em outras áreas, afirmaram que o município ainda está bem atrasado.

A professora Ema afirmou achar que o município ainda está engatinhando nesse quesito: *“Eu trabalho na Rede Municipal, tive o privilégio de entrar como professora, e a gente tem em Juiz de Fora quarenta e poucas escolas com dança, sendo que são mais de mil escolas né? E infelizmente, está indo”*. Já o professor João expôs que, houve um momento em que *“o pessoal trabalhava com mais gosto, o pessoal acreditava mais e de uns tempos para cá houve um pouco de mudança, eu não sei porque, não vejo um motivo aparente”*. A professora Ana reconhece que Juiz de Fora está há alguns passos na frente da maioria do país, mas pontua que ainda assim existem conjunturas que deveriam ser revistas: *“Para estampar capa de jornal a gente serve, para prefeitos e secretários subirem no palco e falar, os nossos eventos servem, mas na hora de cortar, é a nossa aula. Entende?”*. A professora Maria afirmou que a cidade valoriza a dança como área de conhecimento, mas as vezes falta qualificação dos professores que atuam nessa área.

Como vimos no capítulo anterior, Juiz de Fora conta com um documento que reconhece a dança como área de conhecimento, traça os objetivos a serem trabalhados pelos professores dessa área e ainda apresenta norteadores para as práticas educativas das escolas.

A dança na cidade de Juiz de Fora faz parte do currículo das escolas, como projeto desde 1997, segundo Silva (2010) afirma em suas pesquisas, e parte integrante do currículo do ensino regular desde 2006. As primeiras discussões sobre arte como componente obrigatório nos documentos oficiais, em âmbito federal, se deram apenas a partir de 1996, e é válido ressaltar que não se pensava dança como uma área específica, como já foi exposto nessa pesquisa. Essa proposta curricular da cidade já é diferente dos outros documentos estudados nessa pesquisa simplesmente por reconhecer a dança como uma área específica de conhecimento.

Observa-se que os documentos federais e estaduais, como na Base Nacional Comum Curricular (2018) e no Currículo Referência de Minas Gerais (2019), ainda apresentam alguns desacertos no que se refere a dança, uma vez que essa linguagem artística, assim como as outras, não ocupa uma atribuição efetiva de importância como área de

conhecimento. Na maioria das vezes, dentro desses documentos, a dança vai aparecer dentro de componentes específicos como Linguagens, sendo abordada como unidade temática, seguindo uma linha de importância contingente.

Cabe então reconhecer o avanço da cidade em relação ao tema. Existem pontos que devem ser revistos, porém deve-se levar em consideração o histórico inovador da cidade, e até mesmo o presente promissor com a proposta curricular e os eventos que são realizados pela Secretaria de Educação, onde a dança é o principal foco das realizações, como o Festival Municipal de Dança-Educação (FEMDE) que acontece na cidade de Juiz de Fora desde 1999 através da Secretaria de Esporte e Lazer e da Secretaria de Educação, com o objetivo de mostrar, para os pais e para a comunidade, o resultado de todo um trabalho realizado com as crianças durante o ano (PREFEITURA DE JUIZ DE FORA, 2019). Existe também o Dança da Escola no Calçadão, onde os alunos das escolas municipais têm a oportunidade de apresentar o trabalho que é desenvolvido durante as aulas de dança nas escolas.

E é nessa perspectiva que foi construída a pergunta subsequente para os entrevistados, onde questionava-se sobre o projeto de educação da Secretaria de Educação. Foi indagado se os professores consideravam que a dança era reconhecida como área de conhecimento.

Nesse ponto, todos os entrevistados consideraram que a Secretaria de Educação valoriza a dança como área de conhecimento independente. Porém foi pontuado que só esse reconhecimento não é o suficiente. Segundo a professora Ana, a Secretaria de Educação é um ponto burocrático, e como burocracia de uma prefeitura, ela não tem total independência.

De acordo com o portal da Prefeitura de Juiz de Fora², A Secretaria de Educação (SE), dotada de autonomia administrativa, orçamentária e financeira, é um órgão da Administração Direta, subordinada diretamente ao Chefe do Poder Executivo, organizada

² Prefeitura de Juiz de Fora. Disponível em: <<https://www.pjf.mg.gov.br/secretarias/se/index.php>>. Acesso em: 10 de julho de 2021.

nos termos da Lei Municipal 13.830, de 31/01/2019 e do Decreto 13.606, de 30/04/2019. Ainda de acordo com o portal, é de responsabilidade da Secretaria:

I - Formular e implementar as políticas públicas educacionais de forma integrada com as políticas federais, estaduais e demais órgãos ou entidades que atuam na área educacional; **II** - formular e implantar as diretrizes para a Educação Básica no Município de Juiz de Fora; (...) **V** - coordenar a elaboração e acompanhamento dos instrumentos de planejamento municipal compostos pelo Plano Plurianual - PPA, Lei de Diretrizes Orçamentárias - LDO e Lei Orçamentária Anual - LOA da área educacional; (...) **XIII** - gerir as verbas decorrentes do repasse referentes aos projetos e programas do Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação - FUNDEB e da Quota Estadual do Salário Educação - QESE; **XIV** - promover a capacitação continuada dos profissionais de educação; (...) **XVI** - coordenar os programas, projetos e funções de caráter permanente afetos à sua área de atuação. (PREFEITURA DE JUIZ DE FORA, 2021).

Desse modo, observa-se que é de total responsabilidade da Secretaria de Educação da cidade formular e validar projetos e ações que visem a valorização, não só da dança, mas de qualquer outro tema ligado a educação. Mas, sabe-se que muitos projetos dependem de um repasse financeiro tanto dos governos federais, como estaduais e municipais, restringindo assim autonomia plena a Secretaria.

Para finalizar o Eixo 1, foi questionado para os entrevistados, se eles se consideravam mediadores da arte nas escolas em que trabalhavam. A resposta foi unanime, todos se consideravam disseminadores. Esse movimento de reconhecimento da importância do trabalho que os professores de dança exercem dentro das escolas é fundamental para que haja cada vez mais alunos interessados nessa arte, além de projetos que viabilizem a valorização tanto da dança, como a das outras linguagens da arte.

2.2 POSSIBILIDADES E DESAFIOS NA IMPLEMENTAÇÃO DE AÇÕES QUE VISEM O FORTALECIMENTO DA DANÇA COMO UMA LINGUAGEM ARTÍSTICA

Nesse momento, era de interesse da pesquisa entender e mapear as estratégias utilizadas pelos professores, em suas aulas, para a fomentação da dança nas instituições e desenvolvimento de expressão e movimento nos alunos.

Para iniciar as questões, a primeira pergunta abordou as ações realizadas pelos professores dentro das escolas, sendo questionado sobre quais intervenções eram utilizadas com vista a favorecer a concretização da dança como essencial nos espaços escolares.

Nesse ponto, a professora Maria abordou as realizações que estavam sendo concretizadas no período da Pandemia de Covid-19, onde as aulas presenciais foram suspensas e o contato dos alunos com a escola era exclusivamente de maneira remota, utilizando a internet. Ela relatou que houve um movimento de expansão da dança para além do espaço escolar:

Nesse momento remoto, a dança tomou uma proporção que talvez, se estivesse só na escola, a gente não esperava, por que eu mando uma atividade para uma criança, a mãe tem que ler a atividade, e a proposta é que a criança faça com um adulto da casa... então está envolvendo tanta gente agora, sabe? Envolve a família... eles me mandam vídeo na rua, fazendo com os colegas.

Já a professora Ana, expôs que para que haja esse movimento de concretização da dança nos espaços escolares, ela propõe que os alunos participem ativamente dos processos de criação, tendo espaço como pesquisadores, como detentores de conhecimento, dos quais vão conversar, pensar, dialogar, experimentar movimentações e criar coreografias.

A professora Ema relatou um movimento bem similar ao da professora Ana. Ela descreveu que sempre inicia o ano letivo conversando com todos os alunos da escola, e realizando uma aula para as turmas. Além disso, relatou também que existe um diálogo entre ela e os professores das matérias que são consideradas currículo e ela, onde muitas vezes realizam trabalhos em conjunto, a fim de melhorar a participação e desempenho dos alunos em determinada área. Ema externou também que recebe apoio total da direção da escola onde atua, sendo sempre estimulada a realizar eventos internos na escola, e a participar de eventos externos.

Por fim, o professor João expressou que usa do seu amor pela profissão para que consiga fazer a dança ser vista como necessária dentro das escolas. Ele compartilha que tenta fazer seu trabalho de forma *“honesto, prazeroso e lúdico, questionando, cobrando para que a dança na escola não acabe”*.

Quando se fala de reconhecimento da importância da dança na educação, refere-se há anos de luta para que essa arte seja vista como tal. No atual momento político em que vivemos, onde a educação e a arte são constantemente atacadas por parte do governo federal, apenas o sentimento não é o suficiente para que façam acontecer mudanças de fato.

Como Paulo Freire afirma em *Pedagogia da Autonomia* (2011), a luta não é apenas um direito do educador, também é um dever. Na perspectiva da área da dança na educação é mais que necessário que os educadores não se deixem silenciar e, mais ainda, que organizem uma mobilização da classe para que a dança continue avançada na conquista de direitos e reconhecimento.

Seguindo as entrevistas, a questão levantada em sequência foi a de como a dança era trabalhada por esses profissionais em suas aulas. A professora Maria relatou que não gosta de focar na dança como cópia de gestos, e que se inspira no método em que Laban desenvolveu estudando os movimentos.

Laban desenvolveu um método de descrição e análise do movimento, aplicável indistintamente a todas as atividades humanas. Um dos temas centrais de Laban é o entendimento da relação recíproca entre mente e corpo, e existe um direcionamento para que o praticante aprenda a "pensar em termos de movimento". Outro ponto muito enfatizado é a ascendência do movimento que nasce no centro do corpo humano, movimento motivado, sobre os movimentos periféricos, automáticos. Laban afirma que o estudo das dinâmicas e das qualidades dos movimentos faz com que o indivíduo interiorize estas qualidades, tornando-as orgânicas, e a partir daí possa escolher com mais propriedade movimentos adequados e econômicos para expressar e conseguir suas intenções (BRANCO, 2013, p. 3).

Nessa perspectiva, a professora Maria ainda afirma que consegue desenvolver sua aula de acordo com as movimentações dos alunos, fazendo com que percebam que todos podem dançar. Essa ação, segundo ela, garante com que os alunos não desistam das aulas e sigam engajados durante o período letivo.

O trabalho que a professora Ana menciona fazer é muito parecido com o trabalho realizado pela professora Maria. Ana expõe que os movimentos realizados nas aulas partem sempre dos alunos. Em um primeiro momento, ela afirma que buscar conquistar os alunos, e que tem consciência das particularidades de cada um e sabendo que são detentores de conhecimento. Desse modo, ela busca com que seus alunos sejam pessoas ativas no processo de ensino-aprendizagem, sempre fazendo com que pesquisem e façam parte da elaboração do tema que será trabalhado nas aulas.

Ana vai expor também que o diálogo é algo fundamental em suas aulas. *“Quero sempre que eles coloquem para fora, fico instigando para tentar extrair deles, ver o que eles têm para falar, fazer, manifestar, movimentar. Então essas são as minhas aulas”*.

Já a professora Ema inicia seu discurso externando que trabalha de maneira diferente em cada instituição das quais faz parte, sendo essas uma escola pública, uma escola privada e uma academia de dança. Ela afirma que na escola pública seu trabalho não tem foco apenas na dança, uma vez que existe um diálogo entre ela e os professores das matérias regulares e, quando necessário, desenvolvem um trabalho corporal para que os alunos consigam se concentrar. Ema vai afirmar que a dança é utilizada como ferramenta para conseguir uma turma homogênea.

A fala da professora pode ser vista como uma exceção, uma vez que a dança na Proposta Curricular da cidade de Juiz de Fora está longe de ser vista como uma ferramenta para que professores consigam uma turma homogênea, ou mais concentração dentro de suas salas de aula. A Arte é vista e registrada na Proposta Curricular de Juiz de Fora como área de conhecimento e quando se refere a dança, propõe o estudo de vários estilos, e ainda apresenta norteadores para as práticas educativas das escolas.

Ema ainda segue expondo que o trabalho que realiza na escola privada que atua é diferente do trabalho que realiza na escola pública, uma vez que os alunos dessas escolas

são muito agitados. Segundo ela, é trabalhado postura e condicionamento, além das técnicas apresentadas, e da coreografia. Já na academia de dança, a professora vai afirmar que é um trabalho mais artístico, uma vez que nesse espaço os alunos já vão com o intuito de aprender a dançar.

O discurso da professora mostrou-se inesperado, uma vez que ela define o trabalho mais técnico como mais artístico, sendo que a dança é uma expressão artística que utiliza movimentos expressivos do corpo. Ou seja, não é necessário que um aluno tenha um giro dentro do eixo, uma postura alinhada, um salto maravilhoso para que ele esteja produzindo arte com aquele movimento. Dançar é simplesmente se movimentar, expressando-se através daqueles movimentos, que podem ou não ser coreografados.

Por fim, o professor João, apesar de apresentar um discurso mais obducto, segue a mesma manifestação que a professora Ema. No início de sua exposição, João vai mencionar que no começo do ano letivo organiza uma roda de conversa para expor aos alunos como será a dinâmica, e escutar o que eles gostam de ouvir e dançar. Nesse momento o professor vai afirmar que o funk é um estilo que ele proíbe em suas aulas, uma vez que, segundo ele, se seus alunos querem alcançar um papel de destaque na dança, não seria por meio do funk que isso aconteceria.

É importante lembrar que o funk é um estilo musical oriundo da periferia, e é onde as comunidades, que são historicamente marginalizadas, encontraram um espaço de representatividade e oportunidade de expressão. São nas escolas públicas em que a juventude dessas comunidades se encontra, e sustentar um discurso agressivo de que “funk não tem futuro” não seria a melhor maneira de fazer com que os alunos se interessem pela dança.

Evidente que não se deve focalizar toda a aula de dança nesse estilo, e menos ainda em movimentos com músicas que contém uma letra ofensiva, uma vez que as aulas acontecem em espaços de formação. Mas mitigar o discurso e a maneira com que o tema é abordado é necessário. Para finalizar o eixo, foi questionado aos educadores, quais eram as ações que estavam sendo desenvolvidas por eles que visavam desenvolver nos alunos expressões artísticas ligadas a dança.

Novamente, encontrou-se respostas com muitos contrastes. A professora Maria revela que busca realizar articulações que vão além da exploração, e isso se dá através de inter-relações: mostrando vídeos de companhias de dança, conversas e debates sobre esses vídeos, apresentar espaços artísticos que são públicos (como teatros e cinemas) etc.

Já a professora Ana seguiu a linha de suas respostas anteriores e manteve o diálogo e a pesquisa como pilares fundamentais dentre suas ações com os alunos. Ela usou o exemplo da vez em que usou a vida do ator Lázaro Ramos como temática para suas aulas. Pediu para que os alunos pesquisassem sobre ele, e a partir dessa vivência desenvolver alguns movimentos.

A professora Ema por sua vez, afirmou que a motivação era o caminho que ela seguia quando se falava de desenvolvimento dos alunos. Para ela, é necessário que estejam prontos para acolher o aluno e mostrar que ele também é capaz, porque se esse aluno se sentir capaz, vai conseguir projetar a arte, e caso não se sinta capaz, vai depender sempre do professor.

Por fim, o professor João expõe que leva o Teatro para suas aulas, a fim de desenvolver expressões artísticas em seus alunos. Segundo ele *“coloco alguns tipos de música, conto uma história e eles tentam expressar um pouco... expressar o que a letra, o que o poema está querendo dizer”*.

Pode-se observar que as respostas das duas entrevistadas que são graduadas em Dança sempre seguem o caminho da pesquisa, experimentação e movimentações criadas em conjunto. Já as respostas dos entrevistados que são graduados em Educação Física seguem uma linha mais ligada a visão da dança como uma ferramenta para a movimentação corporal, nem sempre passando a concepção de arte. Ainda nessa linha, observa-se que a professora Ema, que conta com a formação em Arte também, ora refere-se a ideia de dança como Arte, ora como exercício físico.

2.3 POSSIBILIDADES E DESAFIOS NA IMPLEMENTAÇÃO DA DANÇA NAS ESCOLAS

Para concluir a entrevista, o terceiro eixo buscou considerar os desafios e possibilidades em implementar e garantir o acesso a dança como parte do currículo e como uma linguagem artística, dentro das instituições, sejam elas públicas ou privadas.

Apesar de, até nesse momento da entrevista, os pontos de vista e respostas dos entrevistados terem sido bem divergentes em alguns aspectos, esse eixo foi onde os discursos se encontraram de alguma forma.

A primeira questão indagou aos entrevistados quais eram as maiores dificuldades e desafios para a implementação da dança nas escolas. A entrevistada Maria apontou como desafio a falta de reconhecimento da importância, não só da dança, mas da arte nas escolas. Assim como já apontado anteriormente pelos próprios entrevistados, muitas vezes a dança é vista como algo sem importância, apenas para ocupar tempo vago dos alunos. Maria aponta também a dificuldade da comunidade escolar, sendo gestores e professores, de valorizar e reconhecer o papel da dança no desenvolvimento das crianças, dentro das escolas.

Nesse contexto ainda, Maria aponta como dificuldade os espaços que são disponibilizados para a realização das aulas de dança nas escolas. Segundo ela,

Às vezes, ótimo, a gente chega, tem uma boa vontade, diretor entendeu, só que a gente chega e tem uma sala minúscula, cheia de cadeiras... Sabe? É um esforço muito grande para a dança acontecer. Ou então é um pátio, e é nesse pátio que está acontecendo Educação Física, Dança, recreio... Você fica meio perdida, não sabe se chama os alunos, se dá aula, então acho que esse espaço físico preparado para uma aula de Arte, não só pensado para a Dança, porque as escolas são pequenas, tem pouco espaço, mas sei lá, seja uma sala de Arte, com o espaço mais livre, que tenha um som que funcione.

Para Ana o principal desafio é a falta de verbas para a dança. Isso porque, segundo ela, quando a escola precisa de verba para alguma coisa, a dança é a primeira a ser prejudicada.

Segundo a *Lei Municipal 13.830*, de 31/01/2019 e do *Decreto 13.606*, de 30/04/2019, é de competência da Secretaria de Educação:

VII -acompanhar a aplicação dos recursos destinados à manutenção e ao desenvolvimento do ensino, cumprindo os limites legais;

XIII - gerir as verbas decorrentes do repasse referentes aos projetos e programas do Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação - FUNDEB e da Quota Estadual do Salário Educação - QESE;

XXIII - gerir os Fundos Municipais sob responsabilidade da secretaria; (SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DE JUIZ DE FORA, 2019).

Dessa forma, é de responsabilidade, não só da Secretaria de Educação, mas dos gestores da Instituição, garantir que não tenham que cortar fundos de um lado para compensar um outro. Porém, sabe-se também que o atual Governo Federal não está envolvido com a fomentação de políticas que valorizem a educação, acometendo várias medidas extremas, frente a não disponibilidade de verbas necessárias para o desenvolvimento das escolas e alunos.

Segundo Lisboa (2021) 2020 foi o ano em que o Ministério da Educação menos investiu na educação básica desde o ano de 2010. Segundo a autora, os resultados têm a ver com a pandemia, mas também com inação, má gestão, falta de priorização e ausência de coordenação nacional na área. A avaliação é de novos relatórios da organização da sociedade civil Todos pela Educação (LISBOA, 2021).

Ana ainda aponta a relação com os pais como uma dificuldade enfrentada nesse caminho. Segundo ela, as vezes os responsáveis dos alunos não enxergam a dança e toda a sua importância e simplesmente ludibriam tanto as crianças quanto os professores.

Para Ema, uma das dificuldades enfrentadas também é a objeção que os pais têm em autorizar a participação dos alunos nas aulas. Segundo a professora, esse pensamento surge frente a dois pontos: o primeiro seria a dispersão das crianças. Isso é, segundo Ema, os pais acreditam que ao começarem a frequentar as aulas, seus filhos ficariam mais dispersos e gastariam tempo atoa. A segunda questão levantada pela professora foi o preconceito de gênero, onde acreditam que apenas as meninas podem dançar e frequentar aulas de dança.

Diferente das outras duas professoras, Ema afirmou receber apoio da equipe gestora nas escolas em que trabalha, mas reconhece que para que isso ocorresse, precisou passar

por muitas provações, e afirma também que existe uma relação de muitos anos com a mesma equipe, o que pode ter ajudado esse processo.

Por fim, o professor João fez considerações parecidas com as que já foram realizadas pela entrevistada Maria. Segundo ele, uma das maiores dificuldades de frontadas nas escolas é a falta de um espaço apropriado para a realização das aulas. O professor afirmou ter dividido o pátio da escola com as aulas de Educação Física por diversas vezes, prática essa que levava à desconcentração dos alunos em determinados momentos da aula.

E esse não é apenas um problema enfrentado pelos professores da Rede Municipal de Juiz de Fora. Segundo um levantamento realizado pela pesquisadora e professora do curso de Licenciatura em Teatro do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense (IFF) Raquel Fernandes, as principais dificuldades que o professor de Arte encontra para lecionar a disciplina nas escolas públicas são a falta de espaços adequados e materiais (CARTELLI, 2019).

A segunda questão levantada para os professores foi sobre as possibilidades de trabalho dentro de espaços escolares, visando sempre o desenvolvimento dos alunos através da dança. Era de interesse entender quais perspectivas dos professores frente a dança como integrante no currículo escolar.

Ana afirmou que o ponto chave dessa questão é juntar a pesquisa com a dança. Ela acredita que a postura do aluno frente a dança é outra depois que ele está envolvido em todos os processos que uma coreografia envolve, por exemplo. Nessa perspectiva, o que a professora considera importante é colocar os alunos como protagonistas do processo de aprendizagem.

Dessa forma é interessante apontar que aprender significativamente é atribuir significados, e colocar o aluno como agente desse processo é muito importante.

O aluno precisa relacionar um novo conhecimento a proposições e conceitos relevantes em sua estrutura cognitiva para desenvolver a aprendizagem, ou seja, que já existam com uma mínima noção de clareza, estabilidade e diferenciação. Evidentemente, o professor e seus materiais pedagógicos, como mediadores da aprendizagem, precisam estar articulados com a natureza deste empreendimento educacional: os

professores adotando uma postura interacionista e os materiais de aprendizagem sendo potencialmente significativo (DAHER, 2017, p. 1).

O discurso de Maria vai se aproximar com o de Ana, ao afirmar que é necessário colocar o aluno como parte ativa do processo de aprendizagem. Ela afirma que é importante que o aluno tenha voz e veja que pode falar e participar das aulas. Para ela, é necessário que o aluno se sinta a vontade de se colocar, de saber que o que ele tem para falar ou movimentar é valioso.

Ema expõe que seria interessante a dança ter um espaço de importância parecido com o que a educação física tem hoje. Porém, é importante destacar que a os pesquisadores e professores de dança vem lutando para que a dança seja reconhecida como área de conhecimento independente, e fazer essa vinculação com a Educação Física é um movimento de desvalorização de toda essa luta, e conseqüentemente, desvalorização da dança também.

Ema afirma também, que a dança desenvolve o aluno de forma integral e forma cidadãos totalmente centrados e com seu objetivo de chegar na sua profissão, vida familiar etc. Ela ainda afirma que é necessário conhecer o histórico dos seus alunos, principalmente o familiar, porque isso ajuda muito a entender o comportamento da criança dentro de sala de aula.

Por fim, João vai seguir uma linha de resposta diferente das outras entrevistadas. Ele vai evidenciar que a ausência de apoio da equipe diretiva e dos pais influencia negativamente esse processo de aprendizagem. O professor não fez nenhuma menção ao que ele considerava essencial para que se entendesse suas perspectivas frente a dança como integrante no currículo escolar, porém acabou reforçando as dificuldades enfrentadas pelos professores de dança nas escolas.

A última questão levantada nesse eixo dizia respeito a essencialidade da dança nos espaços escolares. Foi questionado o que faltava para a dança ser entendida fundamental dentro das escolas.

Maria afirma que o que falta para a dança ser reconhecida como fundamental nas escolas é a falta de políticas públicas para essa área. Segundo ela, a dança estaria mais presente se o poder público conseguisse entender sua importância. Nessa linha de pensamento, Pires (2008) afirma que é necessário promover políticas públicas para a formação, produção, criação/ pesquisa, circulação e incorporação de bens culturais, buscando democratizar o acesso, descentralizar as ações, construir e revitalizar espaços de manifestação artística, de modo a difundir um conceito de cultura enquanto direito social, é o que deveria estimular ou promover gestores e dirigentes.

Ana vai afirmar que o que falta é a experimentação da dança por todas as pessoas que estão presentes nesse processo escolar e não reconhecem tal importância. A professora afirma que:

A transformação que a dança faz, interna, isso ninguém consegue tirar, e para você experimentar essa transformação interna é só experimentando, é só vivenciando. Você sentar, muitas vezes, em uma cadeira e apreciar, talvez você aprecie pensando que é bonito ou feio, legal ou chato, mas para você entender o quão grandioso, o quão importante, o quão transformador, o quão motivador aquilo é, é só se você participar.

Ema vai expor que um passo crucial para a valorização da área é haver mais faculdades de dança pelo país, para que, conseqüentemente, haja mais profissionais capacitados para trabalhar com a dança.

Segundo Silva (2015), Entre os anos de 2002 e 2012, observou-se um aumento significativo no número das graduações em Dança no país, que de dez passaram a somar mais de trinta. Sendo dezesseis instituições federais, cinco estaduais e nove particulares oferecem vinte e sete cursos de licenciatura e quatorze de bacharelado, totalizando quarenta e um cursos de graduação em Dança no país. Isso nos mostra que, apesar de crescente, o número de instituições que oferecem graduação no Brasil ainda é muito baixo. Ainda de acordo com Silva (2015), os cursos de dança pretendem formar profissionais com consciência crítica e conhecimento teórico, técnico e criativo de forma equilibrada, para que atuem não só como professores e artistas, mas como pesquisadores e agentes culturais

capazes de fazer a triangulação entre arte, educação e sociedade. Observa-se assim a extrema urgência de formar mais profissionais em Dança, para que haja uma valorização que é tão almejada pela classe.

Ema ainda vai afirmar que a conscientização dos pais também é necessária no processo de valorização da dança nas escolas. Isso porque são os pais que vão autorizar ou não a participação dos alunos nas aulas, eventos ou qualquer coisa relacionada.

Por fim, João vai expor que, com a lei que garante o ensino de dança nas escolas, a única coisa que falta é que façam valer o que está garantido. Porém é importante destacar que o que foi garantido é o mínimo do que se espera dessa trajetória.

Como já explicitado anteriormente, até na Base Nacional Comum Curricular, sendo esse um documento de âmbito nacional que vai reger a base da educação no país, a dança ainda aparece de uma forma bem deturpada do que realmente é. Ainda atribuída à Educação Física, gera-se quase que automaticamente a anulação dessa linguagem artística como tal. Ou seja, ainda é necessário muito mais do que garantir uma lei que garanta as aulas de dança nas escolas. Deve-se buscar por valorização e uma interpretação e evidenciação correta dessa arte.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Traçou-se nessa pesquisa uma minuciosa análise dos documentos norteadores da Educação no Brasil, buscando investigar como a Dança aparecia na Educação Básica. Como resultado disso, chegou-se à conclusão de que tanto na Base Nacional Comum Curricular, como no Currículo Referência de Minas Gerais, a dança não é reconhecida como área de conhecimento próprio, apresentando ainda muitas dificuldades frente a documentos oficiais. Reconhece-se aqui a importância de contar com documentos que norteiem a Educação Básica do país, porém é crucial que a dança não tenha a condigna relevância.

Houve um desígnio maior para o tema da dança na Rede Municipal de Juiz de Fora, onde concluiu-se que, apesar das lacunas ainda presentes nas considerações dos arquivos oficiais, a cidade conta com uma Proposta Curricular que valoriza a Dança como área de pesquisa, mostrando-se assim um exemplo a ser seguido pelos documentos referências para os currículos da Educação Básica. Além disso, a Proposta Curricular da cidade conta com a valorização da autonomia dos professores e alunos dentro das salas de aula, elaboração de atividades e ações artístico-culturais.

Após a análise dos documentos norteadores, foram entrevistados quatro professores da Rede Municipal de Educação da cidade de Juiz de Fora (MG), onde foram analisados a vivência dos docentes, buscando identificar quais eram os perfis mais comuns, caracterizando os motivadores das atuais práticas, de um modo geral.

Compreendeu-se quais são os principais impasses para a implementação de práticas vinculada a dança em espaços escolares, além de identificar também quais eram as concepções e implicações com a dança, e como os entrevistados compreendiam a importância dessa arte nas escolas.

Concluiu-se, nesse momento, que os entrevistados têm pontos de vista muito divergentes, apesar de aqueles que tem a mesma capacitação terem uma linha de pensamento mais próxima. Porém, todos os entrevistados deixam claro a necessidade da valorização da dança dentro desses espaços, os avanços ao longo dos anos quando diz respeito ao espaço que a dança tem dentro das escolas, e, mesmo que indiretamente, reconhecem os esforços da Proposta Curricular de Juiz de Fora para que essa linguagem da arte seja reconhecida como tal.

Desse modo, a pesquisa conclui que, apesar de um longo caminho que já foi traçado até aqui, a Dança na Educação Básica ainda tem muito o que conquistar. As vitórias quando se trata desse assunto são extremamente importantes e devem ser apontadas, porém não é o suficiente. É necessário que professores, alunos e toda a comunidade escolar continue buscando valorização dessa linguagem artística a fim de, um dia, não seja mais necessária uma pesquisa para apontar os desacertos de documentos oficiais, e sim apresentar às pessoas a trajetória de reconhecimento e conquistas da dança na Educação.

ANEXOS

A. Projeto de Pesquisa

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE
JUIZ DE FORA FACULDADE DE
EDUCAÇÃO
CURSO DE
PEDAGOGIA**

**A DANÇA NO ESPAÇO ESCOLAR: COMO ENFRENTAR A
IMOBILIDADE IMPOSTA PELAS ESCOLAS.**

JULIANA DE OLIVEIRA FERREIRA

JUIZ
DE
FORA
MARÇO
2020

1-INTRODUÇÃO

O movimento está presente na vida da criança mesmo antes dela saber falar, ou seja, o movimento é um dos primeiros meios de comunicação que um bebê desenvolve. Com o passar do tempo é ensinado as nossas crianças que elas não podem se mover demais. Nas escolas encontra-se uma cultura à imobilidade, onde alunos tendem a ficar sentados horas por dia.

Esse hábito de domesticar os corpos das crianças é presente desde a educação infantil, sendo comum encontrar espaços educativos para crianças bem pequenas, com mesas escolares para que esse processo de imobilidade seja inserido desde cedo. Se o aluno não senta é visto como indisciplinado. “A imobilidade física funciona como punição e a liberdade de se movimentar como prêmio”. (STRAZZACAPPA, 2001)

Desse modo, a dança seria uma grande aliada para o desenvolvimento de crianças se inserido nas escolas. A experiência da dança integrada as experiências de aprendizagem da criança oferecerão opções para vivências comunicativas criativas e interpretativas (CARBONERA, 2008).

Além de existir, o que Strazzacappa (2003) chama de uma concepção concreta e utilitária da dança são os benefícios que melhoram o bem estar e saúde da criança, partindo do fortalecimento dos músculos, equilíbrio, agilidade, coordenação motora, além da percepção de tempo e espaço e ver seu próprio corpo desenvolvido pela dança. É importante ressaltar a importância de haver projetos que dialoguem com a comunidade escolar, para haver de fato um ensino da dança eficaz entre os propósitos de desenvolvimento de consciência corporal, responsabilidade e disciplina, por exemplo.

Apesar do o papel da dança na escola estar sendo alvo de grandes discussões, ainda não existem medidas sendo tomadas fora de aulas especializadas, como a de educação física e artes. Essa situação deixa a sensação de que a dança não se caracteriza como área de conhecimento autônomo, visto que não tem conteúdo próprio (STRAZZACAPPA, 2003).

Os PCNs¹ e a BNCC² ainda indicam que crianças tenham oportunidade de vivenciar práticas corporais, movimentos e gestos. Ainda assim, encontram-se problemas nesses documentos.

Dessa maneira, deve-se pensar no papel que a dança pode exercer em ambientes escolares, e os enfrentamentos a serem superados em um sistema que visa formar corpos dóceis e estáticos e que não reconhecem o real valor dessa manifestação artística.

2 – OBJETIVOS

O intuito dessa pesquisa é analisar o papel que a dança exerce no desenvolvimento infantil. Além disso, serão analisadas as dificuldades de inserir movimentos e gestos nas escolas, uma vez que a maioria desses espaços impõem uma cultura de imobilidade para crianças. Além disso serão avaliadas quais os impasses existentes para a implementação da dança em espaços escolares, afim de buscar estratégias para assegurar a implementação da dança em espaços formativos.

Deve assim ainda realizar o levantamento da porcentagem de escolas que já exercem, de alguma forma, práticas parecidas com as que são visadas e as que exercem práticas mais tradicionais: onde é comum ver crianças sendo treinadas para a não movimentação dos corpos.

Desse modo, deve-se conhecer a vivência dos docentes dessas instituições, buscando identificar quais são os perfis mais comuns, afim de caracterizar os motivadores das atuais práticas, de um modo geral.

Após isso, deve-se compreender quais são os principais impasses para a implementação de práticas vinculada a dança em espaços escolares, afim de determinar e explicar a ausência da mesma.

É de interesse dessa pesquisa, também, avaliar o impacto que a dança tem no

1

Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1997)

² Base Nacional Comum Curricular (BRASIL,2018)

desenvolvimento das crianças Para isso, vai-se delinear as fases de desenvolvimento infantil, as ações realizadas de acordo com o tema pela comunidade docente que estimulem esse desenvolvimento; o impacto que a falta de estímulos tem nesse desenvolvimento; e como a dança auxilia estes aspectos

¹ JUSTIFICATIVA

Desde a Revolução Industrial (1790), é interessante para os grandes detentores de capital a docilização dos corpos, para que hajam trabalhadores disciplinados e obedientes. Nesse contexto surgiram as escolas para as grandes massas, onde os pobres aprendiam o suficiente para entender a dominação de classes, mas não para questionar essa dominação; aprendiam disciplina e conseqüentemente educavam seus corpos para trabalhos nas fábricas (ANTUNES, 2000)

A maioria das escolas ainda hoje segue esse mesmo sistema de educação, onde é imprescindível a disciplina do aluno:

O problema é que a noção de disciplina na escola sempre foi entendida como "não-movimento" e as crianças educadas e comportadas são aquelas que simplesmente não se move. Aliás, professores e diretores lançam mão da imobilidade física como punição e da liberdade de se movimentar como prêmio. (FARSERELLA E AMORIM, 2008).

A teoria sociointeracionista de desenvolvimento, que apresenta como principais pensadores Piaget, Wallon e Vygotsky, acredita em um desenvolvimento infantil como um processo ativo, ou seja, um processo onde a interação social favorece a aprendizagem, além de buscar experiências que favoreçam a busca conjunta de conhecimento. Dessa maneira, essa escola tradicional que visa docilizar os corpos não teria espaço para o desenvolvimento infantil:

Através do contato com seu próprio corpo, com as coisas do seu ambiente, bem como através da interação com outras crianças e adultos,

as crianças vão desenvolvendo a capacidade afetiva, a sensibilidade e a autoestima, o raciocínio, o pensamento e a linguagem". (CRAIDY, 2001)

Desta maneira é possível pensar em práticas pedagógicas dentro das escolas que valorizem a dança. Pensar em utilizar a dança como forte aliada no desenvolvimento de crianças, passando por todos os anos da infância, afim de assegurar experiências que auxiliem no desenvolvimento infantil, além de tornar o processo de ensino- aprendizagem mais prazeroso e eficaz.

A dança é uma forma de expressão muito rica, capaz de estimular aptidões em diversos âmbitos, podendo promover o desenvolvimento da inteligência, consciência corporal, possibilita as crianças lidarem melhor com problemas, permitindo que identifiquem melhor seus sentimentos e pensamentos (SANTOS, 2005).

No âmbito educativo, a dança é pedagógica e ensina tanto quanto os esportes, jogos e brincadeiras (CARBONERA, 2008). É possível assim começar a pensar em como inserir esse meio de expressão no espaço escolar, em estratégias onde movimentos, gestos, expressões, sejam presentes no desenvolvimento da criança, afim de fazer os alunos se envolverem e interajam, ofertando experiências onde busquem conhecimento corporal, aspectos afetivos e sociais, cognitivos e motores. Buscar ir além da aula de educação física. Pensar em atividades onde todas essas habilidades, associadas a movimento e expressão possam fazer parte da sala de aula, é importante tendo em vista todos os aspectos que a dança pode desenvolver e auxiliar:

A dança aplicada na escola não deve pretender formar bailarinos, mas deve buscar proporcionar ao aluno um contato mais efetivo e intimista com a livre expressão através do movimento [...] É fundamental que a Dança na escola se realize através de um professor que não seja opositor de técnicas e conceitos, mas o fomentador das experiências. (FERRARI,2010)

Deste modo, cabe pensar maneiras de introduzir essas práticas para que as escolas sejam espaços onde todas as habilidades e níveis de desenvolvimento sejam trabalhadas e atingidas, afim de formarmos crianças capazes de exteriorizar sentimentos e pensamentos. A dança é muito mais do que a sua própria palavra inspira. Ela envolve música, som, ritmo, movimento, prazer, harmonia, intelecto, conhecimento, descoberta, formação pessoal e, sobretudo Educação para a vida (VERDERI, 2000).

É de interesse dessa pesquisa também, apresentar o valor da dança como uma linguagem da Arte, com características, valores e importância próprias. É ponto pacífico a necessidade de profissionais aprimorarem seus discursos, começarem a usar vocabulários próprios (e não aqueles emprestados da área de psicologia e

educação física) e sobretudo compreender o ensino de dança como um fim em si (STRAZZACATTA, 2003).

Na cidade de Juiz de Fora (MG), SILVA(2010) afirma que as aulas de dança nas escolas municipais iniciaram-se no ano de 1996, mostrando assim que a iniciativa foi de certa maneira pioneira, uma vez que a publicação da Lei de Diretrizes e Bases (LDB) só foi realizada em dezembro do mesmo ano, estabelecendo a obrigatoriedade do ensino de artes nos anos finais do ensino fundamental. No ano seguinte foi publicado os Parâmetros Curriculares de Arte, aparecendo nele as quatro linguagens da arte (dança, artes visuais, teatro e música).

SILVA (2010) reitera que a dança, ao longo dos anos, continua sendo oferecida como atividade extracurricular pelas escolas municipais de ensino regular da cidade de Juiz de Fora, o que acaba sendo reflexo dos documentos oficiais. O mais recente documento publicado, a BNCC, reforça a formulação que a dança é uma atividade de menos valia:

O adestramento corporal segue e tem respaldo na BNCC quando ela afirma que as habilidades práticas e socioemocionais não são habilidades cognitivas, não produzem pensamento, ou seja, o corpo não produz pensamento. (SILVA, 2018).

É importante pensar em como a dança é inserida na cidade, uma vez que a formação dos professores em sua maioria não é voltada para a licenciatura em dança, ademais, não há efetivação dos professores, e desde 2004 são contratados temporariamente (SILVA, 2018).

SILVA (2018) expõe ainda que:

Essa rede municipal oferece várias atividades durante o ano como cursos de formação continuada e desenvolve vários projetos artísticos para apresentações dos alunos. A dança conta com um festival anual, criado pelos professores de dança desde 1998 e, uma intervenção criada em 2012, também por professores.

É válido pensar como esses movimentos acontecem e se eles são suficientes para que os professores sem formação específica entendessem que a dança é uma

forma de expressão artística e que foco não é adquirir habilidades físicas. Se há contratação de professores para essa atividade, anualmente, há uma rotatividade entre esses docentes? E se há rotatividade, qual a eficácia do curso de formação continuada para a dinâmica e desenvolvimento das aulas?

É importante ressaltar que hoje em dia, o currículo de Arte da cidade é pensado, pesquisado e organizado por profissionais que se dedicam a essa área, o que é sem dúvidas, de grande valor para o desenvolvimento das linguagens artísticas de Juiz de Fora.

Vale analisar agora as conquistas e fragilidades desse sistema, onde as políticas públicas felizmente respaldaram a dança.

2 METODOLOGIA

Tendo o foco da pesquisa para escolas estaduais e municipais localizadas na cidade de Juiz de Fora (MG), busca-se, em um primeiro momento, analisar como o conteúdo de dança aparece em documentos que norteiam a educação, com a Base Comum Curricular e os Parâmetros Curriculares Nacionais, bem como documentos regionais e municipais.

Assim, buscaremos delinear de que maneira as escolas tratam as aulas de dança, se elas são presentes nos espaços escolares, como elas estão presentes nesses espaços e por quais profissionais essas aulas são lecionadas.

É importante para a pesquisa entender os impactos que a dança causa no desenvolvimento das crianças, assim devemos constatar quais são as diferenças de comportamento entre alunos de escolas que contam com aulas de dança regulares e com as que não contam.

Questionários podem ser elaborados afim de avaliar e constatar qual a valia do ensino da dança nas escolas, e quais os obstáculos nesse ensino.

Por fim, a pesquisa mostra-se de caráter qualitativa, por buscar dados numéricos, e quantitativa, por permitir amplas possibilidades de estudos, medindo opiniões, atitudes, preferências e comportamentos.

3 CRONOGRAMA

MES/ETAPAS	Mês/ano	Mês	Mês	Mês	Mês	Mês	Mês	Mês
Escolha do tema	X							
Levantamento Bibliográfico		X	X	X				
Elaboração do anteprojeto			X					
Apresentação do projeto					X			
Coleta de dados			X	X	X	X		
Análise dos dados					X	X	X	
Organização do roteiro/partes							X	
Redação do trabalho							X	X
Revisão e redação final								
Entrega da monografia								
Defesa da monografia								

A. Roteiro de Entrevista

Juliana de Oliveira Ferreira

É de interesse dessa pesquisa buscar dados acerca da presença da dança nas escolas de Juiz de Fora (MG). Dessa maneira, nosso público alvo são professores de Dança, Artes e Educação Física da rede pública e privada de educação. Busca-se delinear o trabalho que vem sendo feito dentro dos espaços escolares, além de mapear as carências das práticas e buscar medidas que ajudem na implementação da dança nas escolas como área de conhecimento, da qual permita os alunos se expressarem através do movimento.

Inicialmente, podemos dividir a entrevista em três eixos principais: concepções (1), mapeamento (2) e possibilidades (3).

- 1) Concepções e perspectivas sobre o tema da dança nas escolas;
- 2) Mapeamentos de estratégias acerca de processos da inclusão da dança nas escolas;
- 3) Possibilidades e desafios na implementação de ações que visem o fortalecimento da dança como uma linguagem artística e parte do currículo das escolas.

1. CONCEPÇÕES E PERSPECTIVAS SOBRE O TEMA DA DANÇA NAS ESCOLAS

O objetivo desse primeiro eixo é de analisar o envolvimento do professor com o tema. Quais são suas concepções e implicações com a dança.

- Qual a sua formação acadêmica?

- Há quanto tempo você trabalha na área da Educação?

- Para você, o que é a dança? Quais palavras e sentimentos surgem ao refletir sobre o assunto?

- Como professor, qual a sua concepção/opinião, a respeito da dança nas escolas de Juiz de Fora?

- Você considera que o projeto de educação da Secretaria Municipal de Juiz de Fora valoriza a Dança como área de conhecimento? Por quê?

- Você se considera um disseminador dessa arte na instituição que trabalha? Comente como isso ocorre.

2. MAPEAMENTOS DE ESTRATÉGIAS ACERCA DE PROCESSOS DA INCLUSÃO DA DANÇA NAS ESCOLAS

A intenção do segundo eixo é entender e mapear as estratégias utilizadas pelos professores, em suas aulas, para a fomentação da dança nas instituições e desenvolvimento de expressão e movimento nos alunos.

- Quais ações tem sido desenvolvidas por você, com vista a favorecer a concretização da dança como essencial no espaço escolar?

- Como você trabalha a dança nas aulas?

- Quais ações são desenvolvidas tendo em vista desenvolver nos alunos expressões artísticas ligadas a dança?

3. POSSIBILIDADES E DESAFIOS NA IMPLEMENTAÇÃO DE AÇÕES QUE VISEM O FORTALECIMENTO DA DANÇA COMO UMA LINGUAGEM ARTÍSTICA E PARTE DO CURRÍCULO DAS ESCOLAS.

Para concluir a entrevista, o terceiro eixo busca considerar os desafios e possibilidades em implementar e garantir o acesso a dança como parte do currículo e como uma linguagem artística, dentro das instituições, sejam elas públicas ou privadas.

- Quais os maiores desafios e conflitos enfrentados para a implementação da dança na escola?

- De acordo com as suas perspectivas, quais as possibilidades de trabalho dentro de espaços escolares, visando o desenvolvimento dos alunos através da dança.

- Para você, o que falta para a dança ser entendida como essencial dentro das instituições?

- Comente algum aspecto que não foi discutido por essa entrevista e que pode ser relevante para a pesquisa.

B. Entrevistas

TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA- A

J: Primeiro, boa tarde (risos)

A: Boa tarde, tudo bom?

J: Eu vou pedir para que você se apresente e fale a escola que você atual, atualmente.

A: Tá. O meu nome é xxxx, eu sou formada em Dança, me formei pela UFV, e atualmente eu trabalho como professora de dança nos projetos da região, no município, que era o antigo projeto Mais Educação, e agora é o projeto Jornada Ampliada. Eu trabalho na Escola Municipal xxxxxxxx, com aulas de dança, com alunos do terceiro ao quinto ano.

J: xxxxa, a gente vai gravar essa entrevista e queria saber se para você tudo bem.

A: Tudo! Pode gravar.

J: A gente lembra que não vamos te identificar na hora da análise dos dados ok?

A: Tá joia.

J: Vou te explicar como eu dividi a entrevista, para você ficar mais ou menos a parte. A gente dividiu em três eixos principais: O primeiro vamos falar das concepções, e segundo é sobre o mapeamento e o terceiro é sobre as possibilidades e desafios da implementação da dança nas escolas de Juiz de Fora.

Eu acho que já comentei com você, mais ou menos por alto, sobre o que era a minha pesquisa. Estou pesquisando a Dança no Ensino Básico, voltado aqui para o município de Juiz de Fora. Então vou fazer essa entrevista com alguns professores da rede, tá?

Então para começar, vou perguntar para você, qual a sua formação acadêmica (você já falou, né?) e a quanto tempo você trabalha na área da Educação.

A: Tá. Eu sou formada desde 2011, não sei fazer conta, 2011 e 2021 são quantos anos?

J: 10 anos.

A: São 10 anos de formação. Só que eu trabalho desde antes de formar. Assim que eu iniciei uma disciplina chamada práticas pedagógicas, onde a gente tinha que ir nas escolas, onde a gente passou por esse processo da dança no espaço educacional. E foi aí que eu me apaixonei, desde que eu conheci essa disciplina, eu nunca mais abandonei a sala de aula. Nas minhas contas, eu dou aula mais ou menos a uns 15 anos. Estou inserida em creches, escolas, municipais e em escolas particulares desde então, não parei mais, porque eu vi que a dança e a educa... eu falo que sou uma professora utópica (risos) porque eu acredito que a dança e a educação são coisas que podem transformar o mundo, né? Porque sem educação não há reflexão, não há transformação, não há nada. E a dança, como arte traz justamente esse espaço de reflexão, fluência, pensamento crítico que todo ser humano precisa. Então quando eu vi que tinha a possibilidade de unir as duas coisas, eu me apaixonei.

J: Não tem como, né?

A: Não (risos). Faltou mais alguma coisa? Foi isso?

J: Não, está certo. E para você, o que é a dança? Quais palavras e sentimentos surgem quando a gente começa a refletir um pouquinho sobre esse tema?

A: Então, para mim a dança é tudo, né? A dança para mim era um sonho, e esse sonho acabou virando realidade. Por que, literalmente, eu formei em dança e eu consigo trabalhar com a dança. É sofrido? É.

J: Para caramba (risos).

A: É sofrido, é cansativo, o salário muitas vezes é entristecedor, mas assim, eu falo que a dança é tudo. A dança é... eu consigo trabalhar, eu consigo me manter com aquilo que eu escolhi fazer, que foi a dança, eu consigo atingir outras pessoas com o poder transformador da dança, né? Os meus alunos, as pessoas que passam pela minha vida, eu falo que eu tenho uma missão que é transformar, que não é ensinar passo nem nada. Se a pessoa que passar por mim ao longo da vida, conseguir ter a vida transformada um pouquinho, para mim já é compensador. Então para mim a dança também é transformação, porque quando você mergulha realmente nesse universo da dança, você percebe quais transformações ela consegue trazer para a sua vida, e eu não estou

falando de transformações físicas, transformações externas, estou falando de transformações internas, por que para mim a dança me transformou internamente, né? EU era uma pessoa extremamente complexada, e conforme eu fui conhecendo a dança eu fui aprendendo me amar. Eu falo que ainda estou nesse processo. Então para mim a dança é renovadora, por que cada vez que eu dou a aula, que eu participo, que eu me movimento, que eu faço uma aula, a dança me renova em vários aspectos e eu me percebo de novo como essa pessoa que precisa se amar e que se descobriu se amando por meio da dança. Então ela é transformação, ela é mudança, renovação. A dança é literalmente um eterno movimento, porque ela é um movimento... eu falo muito sobre isso, inclusive eu escrevi um artigo agora sobre isso, que muito mais que externo, tudo isso que a gente fala que a dança faz externamente, ela faz internamente, e a gente não fala, não pesquisa, não conversa, né? Então “ah, dança é movimento”, é, mas ela é um movimento interno sabe? Ela é um movimento interno que primeira parte de você e depois ela traz transformações internas, renovações internas. Então, é sobre esse contato interno, sobre essa coisa interna que a dança traz na gente.

J: Como professora, qual é sua concepção/opinião sobre a dança nas escolas de Juiz de Fora?

A: Então, tenho críticas e elogios. Vou começar com os elogios porque em Juiz de Fora realmente a gente vê uma valorização de uma certa forma, né? Tem todas essas coisas para inglês ver, né? Aquele ditado que a gente fala. Muitas vezes o fim não é o que faz o acontecimento, muitas vezes tem as aulas de dança, mas é para X coisa, tem as oficinas, mas é para “tarara”. Só que ainda tem, né? Ainda tem, ainda existe, e tem em muitas escolas, tem a contratação desses professores, tem uma cidade que três vezes ao ano faz eventos específicos voltados para dança. É muito interessante, uma cidade como Juiz de Fora, que tem uma certa visibilidade, com tantas pessoas passando por aqui, tantas pessoas que vem de fora, trabalha e vão. Então acho isso muito interessante, o município ainda manter, lutar por isso né? Eu por exemplo, a cidade do Rio que eu vim, não tinha e não tem até hoje, e eu fico pensando “cara, se eu tivesse passado pelas minhas aulas, se eu tivesse tido oportunidade de fazer pelos meus alunos, né? Se eu tivesse tido alguém que tivesse feito por mim o que eu faço por eles, experimentado o que eles

experimentam, como seria minha relação com a dança? Seria igual, seria diferente?”. Enfim, por que eu ainda demorei a entrar na faculdade, eu entrei com 23 anos, se eu tivesse experimentado projetos, nova, talvez eu tivesse entrado direto, talvez eu tivesse tido certeza de que era isso que eu queria. E aqui tem essa possibilidade de despertar nos alunos esse interesse, de promover essa transformação na vida dos alunos, de tirar os alunos de tantas situações que poderiam estar passando e vivendo, e colocar na escola experimentado aulas de música, dança, enfim. Acho isso muito bacana, especificamente os três eventos que são voltados para a área de dança, né? A gente não vê três eventos voltados para o teatro, três eventos para a música, e tem três voltados para a dança, que é a Dança no Calçadão, o FEMDE e a Mostra Estudantil (que engloba mais coisa, mas tem a dança também). Eu acho isso de uma riqueza, sabe? Você conseguir trazer alunos de Rede Pública para teatros, três vezes ao ano, pensando em uma apresentação, cara isso é muito bacana, sabe? Só que, vem a parte negativa, que é essa questão da instabilidade, né? Há anos, contratação, e infelizmente vem diminuindo cada vez mais o número de escolas, porque a gente sabe que apesar de ter, de ser bacana, e estampar a capa de jornais e matérias, se tem algum corte de verba, o que corta é a dança. Corta a dança, capoeira, teatro, música. É muito ruim viver sempre nessa corda bamba, trabalhar em uma coisa que a gente sabe que tem um potencial transformador tão grande, a gente que vivencia sabe o quão grande é o potencial que a dança tem, e ao mesmo tempo as pessoas não conseguem entender toda essa grandeza, e “ah, precisa cortar”, vamos cortar os projetos; “Ah, tem não sei o que”, tira a aula de dança; “ah, acabou a verba”, vamos enxugar a dança, porque português e matemática não tem como, tem que deixar. Sabe? Então isso me deixa um pouco triste, porque aquilo que eu falei, né? O caminho que leva para... Para estampar capa de jornal a gente serve, para prefeitos e secretários subirem no palco e falar, os nossos eventos servem, mas na hora de cortar, é a nossa aula. Entende? Então essa é a minha crítica em relação a isso.

J: E você acha que a Secretaria Municipal de Educação valoriza a dança como área de conhecimento?

A: Cara, eu acho, nas reuniões que a gente participa, me parece que sim. Só que é aquilo, quanto mais estamos de fora... Eu poderia falar “Ah não”, só que a gente conversa, e conforme a gente vai começando a participar das reuniões, é aquilo, a Secretaria de Educação é um ponto burocrático, e como burocracia de uma prefeitura, ela não tem total independência né? Eu soube que “ah, poxa, temos que fazer um protocolo de retorno as aulas, mesmo que a gente não concorde com esse retorno”. Então assim, eu te valorizo como área de conhecimento, mas só essa minha vontade e valorização não conta, porque a verba não parte de mim. Entende o que eu quero dizer? Então, sim, valoriza, luta, percebo que faz, só que tem sempre um superior, ou tem outros caminhos que tem que ser enfrentados que muitas vezes a pessoa não consegue sozinha. A prefeitura como todo, tem burocracias muito grandes, são difíceis de passar, então eu acho que valoriza como área de conhecimento, mas que... não faz sozinha, mas que depende de outras coisas, que depende de outros suportes.

J: Você se considera uma disseminadora da Arte na instituição em que você trabalha?

A: Muito! Muito! Se eu não me considerar, minha filha, quem vai me considerar? (risos). Claro que eu me considero, lógico. Desde que eu cheguei eu tento sempre participar dos eventos, não só... não pelo produto, não que eu ache que participar de eventos é o mais importante, mas todo caminho que a gente passa, sabe? De refletir, de criar, de pensar, de pesquisa, de processos, de não sei o que, e de levar aqueles alunos... todos os anos é a mesma coisa, sabe? “poxa tia, eu nunca entre nesse teatro”, “poxa tia, eu nunca dancei em um palco”, “poxa tia, eu nunca sai de ônibus da escola”. Então assim, você pensa em todas as concepções artísticas que você está causando naqueles alunos, que não só a dança. Você está fazendo que aquele aluno, ao entrar no ônibus, aprecie toda arquitetura da cidade, você faz com que ao entrar no teatro, aquele aluno aprecie pinturas, obras, você faz com que eles apreciem a história artística de uma outra forma, você faz com que veja outras apresentações, seja espectador e aprecie o teatro, que escute uma música. Todas as manifestações artísticas que aquele aluno possa passar, eu tento fazer com que ele passe. Depois a gente vai no teatro, e aprecia as obras de arte feito por outros alunos, outros colegas. Então sim, eu me considero uma disseminadora da Arte sim.

J: Com certeza. Quais tem sido as ações desenvolvidas por você, com vista a favorecer a concretização da dança no espaço escolar?

A: Quais são as minhas ações?

J: Isso.

A: É... eu falo que, quando você está na dança, a dança em si já é um ato, uma ação, uma luta. Só que aí você escolhe em... como você vai lutar: se vai lutar do modo fácil, que é a modo da reprodução, do Ctrl C + Ctrl V, da cópia, ou se você vai lutar fazendo com que seus alunos entendam o que você está fazendo. Minha ação é sempre colocar o meu aluno como um pesquisador, como um conhecedor, como um detentor de conhecimento, como uma pessoa que vai fruir aquela obra, que vai conversar, que vai dialogar, e que vai experimentar movimentos, pensar nesses movimentos para depois transformar em uma coreografia. Essas são uma das ações que eu faço antes de “vamos dançar”, criar, copia, cola. Não. A gente vai dançar? A gente vai usar esses, esses, esses, esses e esses caminhos. Eu acho que essas ações fazem com que os meus alunos tenham a possibilidade diferente, de pensar a dança e de experimentar a dança. Acho que são essas as minhas ações, e logicamente, tentar participar, tentar envolve-los nas apresentações, nos projetos, nos eventos da cidade. São essas as coisas que eu faço por eles.

J: Aham. E aí, eu vou pedir agora para que você conte um pouquinho como você trabalha a dança nas suas aulas. Você meio que já comentou, né? (risos), mas vai lá.

A: Então, eu já começo com a parte de que eu não obrigo ninguém a dançar, mas eu tento conquistar os meus alunos e faze-los danças. Eu entendo, quando eu era mais nova eu odiava educação física (risos), todo mundo amava e eu odiava. Então, eu entendo que as vezes o aluno não vai se identificar com a dança, e por isso também eu tento trazer outras ações. As vezes ele não gosta justamente de movimentar, mas ele gosta da pesquisa, ele gosta de apreciar, ele gosta de ver os outros dançando e escolher movimentos, ele gosta de ajudar. Ou aquele que já gosta de aparecer, e já quer criar, e já vai criando. Eu tento conquistar os meus alunos, e fazer eles entenderem que a dança não é só o movimento, que a dança envolve tanta coisa... Eu chego na aula, eu converso. A conversa está presente do primeiro ao último dia do ano, e se eles forem meus alunos

no ano seguinte, vai ser a mesma coisa, do primeiro ao último dia, porque eu acho que essa troca é muito importante para a gente conhecer o aluno. Eu preciso conhecer o meu aluno, preciso conhecer com quem eu estou lidando, para tentar entender o dia em que ele não está bem, não está legal, o dia em que ele manifestar uma ação diferente... então eu sempre trocar com ele, quero saber como está na casa dele, com quem ele mora, com quem ele vive, eu tento saber tudo isso, e não só se ele está gostando da aula ou não. E ao longo das minhas aulas, eu busco com que meus alunos pesquisem e falem, sempre, sempre. Os meus alunos tem conhecimento, tem opinião, e eu quero sempre ouvir, então eu quero saber o que eles querem pesquisar, que tipo de música... eu tento trabalhar sempre com um tema, e dentro desse tema, vou dar um exemplo, “ah, vou trabalhar com Lázaro Ramos”, quem é Lázaro Ramos? Vamos pesquisar quem é. Então cada um foi para casa, usou o laboratório de informática e trouxe; então agora vamos ler, “ah tia, eu não sei ler”, vamos tentar juntar letrinha por letrinha, porque eu quero fazê-lo fazer muito mais do que só movimento, então vamos ler e pesquisar; “e aqui, o que vocês acharam legal? Parasse com vocês, não parece?”; daí vamos tentar criar um movimento? O que te chamou atenção nesse texto? “ah me chamou atenção que ele é negro, igual eu tia”, “me chamou atenção que ele era pobre que nem eu, que morava em uma casa como telhado assim, que nem eu”, então vamos tentar criar nossas movimentações dentro disso? “Tia, eu não consigo”, vamos lá, conversar e trocar. E aí, sempre tem aquele aluno que lança uma sarrada no meio, e você tem que conversar com o aluno. É sempre na conversa, minhas aulas sempre são na base do diálogo. “Você acha que tem haver essa movimentação? Cabe nesse momento...”, “É tia, não tem, mas eu fiz porque eu sei fazer.”, então vamos conversar mais um pouco, vamos pensar mais, etc. Enfim, vamos juntar, apreciar, ver o movimento dos colegas, mas olhar com o olhar de “qual movimento você gostaria de fazer?”. Sabe, é trocar. Vamos avançar, ver vídeos, filmes que falem sobre essa temática e que abordem isso, e dos filmes vamos conversar de novo, o que chamou a atenção, o que é interessante e o que não é, “nossa tia, meu deus, que horror né? Chamou o homem disso, xingou daquilo e tal”, então, vamos criar uma movimentação sobre isso? E daí, a gente vai juntando, vai trocando, vai sempre... eu sempre uso, uso não, acho que usar é uma palavra feia, as vezes você usa e joga fora

né? Eu me aproprio do que eles fazem, eu quero me apropriar do que eles fazem, e não para mim, apropriar para os nossos espetáculos, nossas construções. Quero sempre que eles coloquem para fora, fico instigando para tentar extrair deles, ver o que eles têm para falar, fazer, manifestar, movimentar. Então essas são as minhas aulas.

Eu lembro que uma vez, durante o ano, eu levei para eles alguns estilos de dança, e aí eu imaginei que iriam gostar do hip hop, mas levei a dança de salão. Eles não só amaram a dança de salão... eles amaram, e eles quiseram dançar o tango na dança de salão.

J: Adorei!

A: E eu quebrei a minha cara né? Pensei que iriam querer hip hop e balé, né? Meninas balé, meninos hip hop. E eles assim... não. Ok, teve hip hop, o balé nem apareceu e eles amaram o tango, e amaram a dança contemporânea. E eu assim, “gente, sério? Nem eu sei dançar direito a dança contemporânea”, vocês querem?” (risos). E eles amaram, então assim, os meus alunos sempre me surpreendem sabe? E eu acho que isso é o bacana, eu sempre tento levar coisas diferentes, e é o que eu falo sempre, não tem problema nenhum ter uma sarrada, não tem problema nenhum a gente ouvir um funk, mas isso você já conhece, e eu estou aqui para trazer coisas diferentes. Você já tinha ouvido falar do tango? Não. Você já conhecia a dança de salão? Não. Sabe o que é a dança contemporânea? Não. Vocês sabiam que a partir de um vídeo é possível criar movimento? Não. Eu sempre falo isso, eu estou aqui para isso, porque no começo da aula é sempre “tia coloca um funk aí para dançar”, “pô tia, não vai colocar funk não?”, “tá ligado naquelas?”, só que eu falo: isso vocês já sabem, e não tem problema, só que eu estou aqui para trazer novos conhecimentos. Uma troca, eu trago isso e vocês me dão isso. Então as minhas aulas são sempre baseadas na troca.

J: Como a gente está mais em um bate papo, as vezes uma pergunta acaba ligando na outra.

A: Sim.

J: Então você vai ver agora, por exemplo, eu ia perguntar para você quais as ações são desenvolvidas por você, tendo em vista desenvolver nos alunos as expressões artísticas ligadas a dança? E aí, já foi né?

A: Sim, é porque eu falo né? Eu vou emendando uma coisa na outra (risos).

J: E aí a gente entra já no eixo de possibilidades e desafios. Quais são os maiores desafios e conflitos enfrentados para a implementação da dança nas escolas?

A: Então, verbas, né? Muitas vezes... é o que eu estou falando, muitas vezes a prefeitura quer estampar as capas das coisas com a gente, mas a gente não consegue um ônibus liberado, a gente não consegue verba para pensar em um figurino, sabe? Então esses são os desafios. É literalmente, se a gente quer participar, a gente que lute, então... Eu lembro que com os meus alunos, a gente nas festas... todos os eventos da escola a gente montou barraquinhas de doce para que a gente conseguisse dinheiro para pagar pela blusa dos alunos, porque nem para isso a escola tinha dinheiro. E eu entendo também a escola, vai tendo corte de verbas e você vai priorizar o que? Uma roupa para os alunos ou o papel higiênico todo dia da escola? Eu entendo, vai priorizar o papel higiênico, e está certo, não está errado sabe? Errado não é a escola, pelo menos assim, a que eu estou, eu entendo tudo o que a diretora faz por nós, sabe? Então assim, esses são os desafios, um dos maiores. Você está lá, você faz os eventos, mas você se vira para vir no evento, o problema é seu, entende?

J: Nossa, eu sei bem como é isso, aqui em casa a minha mãe...

A: É isso, você acompanha ela. A Beth vai para escola de manhã cedo. Eu lembro que uma vez em Torreões ela madrugou lá, para poder maquiagem os alunos, para poder...

J: Aham...

A: Porque senão é a gente...

J: Ela fez nesse dia da maquiagem, tinha que descer com todo mundo para o centro, ela fez o escritório do meu padrasto de restaurante, um panelão de macarrão para os alunos, que ela comprou também, por que se não, não ia rolar.

A: Aham, é, eu que levo também, eu e as outras professoras né? A gente leva o lanche para os alunos, e isso a escola sempre tenta providenciar, só que como é evento a gente tenta levar uma coisinha diferente para eles, mas é isso, sempre tirando do nosso bolso, sempre fazendo, sabe? A gente que faça.

E aí a gente entra em outro âmbito, porque eu falei da verba, a questão da prefeitura e tal, e a gente entra em outro quesito que são os pais. Não entendem a grandiosidade de uma aula de dança, acha que... aí tem aluno que falta na apresentação! "Porque que

“você faltou?” “Ah tia, minha mãe não acordou para me trazer”. Gente, pelo amor... Sabe? Ou então a criança que chega na escola toda desgredada, e você que tem que ir arrumar, trocar a roupinha, pentear o cabelo, dar um jeitinho da criança, por que os pais acham que assim “ah, só vai dançar”, e eu falo que isso é o que mais me irrita, a pessoa reduzir a minha formação, a minha área de trabalho, para só. Quando a pessoa... é só uma apresentação, é só uma dança... quando põe o é só, minha filha, acabou, o mundo vem abaixo. Acaba comigo, sabe? Então assim, eu acho que esse também é outro desafio, a gente conscientizar os pais. Tem pais que já acham... que mandam o filho para a escola como se tivessem indo para um desfile, porque acham que é o momento, e aí a gente fica assim “poxa, que legal, né, que entendeu?” por que é realmente o momento do filho, o momento dele. Mas temos pais que... eu já tive mães que tiraram o filho do projeto porque falou que o filho estava lá para aprender a ler, escrever e fazer conta, que se quisesse o filho dançarino botava para dançar no balé do Faustão.

J: Ô gente...

A: Então assim, são alguns dos desafios: verbas e um incentivo um pouco mais efetivo sabe? Porque, como eu te disse, tem os eventos e é maravilhoso, mas assim, tem o evento X, se vira.

Não é assim: tem o evento, a gente quer saber da escola, quais são as dificuldades, o que a escola precisa... talvez a gente não tenha dinheiro, mas se a gente liberar ônibus, já que a gente é do setor da prefeitura, só entrar em contato com o outro setor... se a gente liberar o ônibus já ajuda para vocês? Por que a escola tem que pagar o ônibus ainda, né? A escola ainda paga ônibus. E não, é só tem e acabou, você se vira.

E a gente tem essa coisa dos pais que muitas vezes também... então essas são algumas dificuldades, sabe? “fez amor, a pesquisa?” “não porque a minha mãe não me ajudou, e eu não sei mexer sozinho”. Umass coisas assim, que você fala... e vai ser isso e vai continuar, né?

J: Aí, a gente luta para que não (risos).

A: Ah... eu falo que a gente tem que fazer um trabalho de conscientizar os pais. E é muito mais difícil.

J: Com certeza.

A: Conscientizar criança é muito mais fácil que conscientizar pai, conscientizar burro velho (risos).

J: É, e para você o que falta para a dança ser entendida essencial dentro das escolas?

A: Falta para mim, todo mundo experimentar a dança. Sério, falta as pessoas experimentarem, e eu falo isso porque por exemplo, lá na escola especificamente, vou dar o exemplo das secretárias. Elas estão lá desde que eu entrei, então elas acompanham todo o processo de ensaio, de apresentação, etc. Veem muitas vezes nossa escola ser citada, aparecer na matéria, ser convidada por outras escolas para ir e tal, mas a gente começa a ensaiar e elas reclamam, sabe? Elas mesmas reclamam, falam “aqui, não acabar esse ensaio não? Essa barulhada? Eu quero almoçar e não sei o que”. Então assim, você vê que as pessoas que estão dentro da escola, que assistem, que entendem, ainda assim menosprezam. Por isso que eu falo que falta experimentar, por que muitas vezes apreciar não é o bastante.

É o que eu disse lá no começo, que a transformação que a dança faz, interna, isso ninguém consegue tirar, e para você experimentar essa transformação interna é só experimentando, é só vivenciando. Você sentar, muitas vezes, em uma cadeira e apreciar, talvez você aprecie pensando que é bonito ou feio, legal ou chato, mas para você entender o quão grandioso, o quão importante, o quão transformador, o quão motivador aquilo é, é só se você participar, é só se você literalmente entregar o seu corpo e falar “caramba, olha, o que eu pesquisei, eu transformei em dança e agora da minha pesquisa virou toda essa cena”, ou então isso que era a minha dificuldade e eu consegui trazer para fora, eu consegui botar para fora, e os meus colegas estão dançando comigo, consegui movimentar essa minha dificuldade. Então assim, só experimentando.

J: É, de acordo com as suas perspectivas, quais são as possibilidades de trabalho dentro das escolas, visando o desenvolvimento dos alunos através da dança?

A: Quais são as possibilidades de trabalho...?

J: Dentro das escolas, sempre visando o desenvolvimento dos alunos? Pela dança e na dança...

A: Então, eu não entendi direito essa pergunta (risos).

J: O que você acha que pode ser feito para que entendam que o aluno consegue se desenvolver pela dança, não só na dança. Que a dança não é só aquela dancinha, ela tem um...

A: Ata. Eu acho que é... assim, eu falo muito dessa forma que eu trabalho mas eu sei que não é só eu que trabalho assim, eu sei que tem vários outros professores e professoras que trabalham dessa forma, e eu acho que essa linha é bem interessante, porque quando você põe os seus alunos como o principal, tudo vai partir deles, se eles não pesquisarem não vai ter dança, se eles não se entregarem não vai ter dança, se eles não aprenderem a apreciar, para conversar e dialogar, não vai ter dança. E quando você insere o seu aluno e fala "Olha, tudo vai partir de você, você é o protagonista aqui, você é o ator principal", como diz a Graziela Rodrigues, você é bailarino, pesquisador e interprete! Você é tudo. Então, quando você coloca o seu aluno em tudo, a postura dele é outra. Eu falo que eles vão... eu chamo tudo de palco né? A gente chama tudo de palco, então quando eles vão apresentar, vão para a quadra, quando vão para o palco, quando vão para a cena, a postura deles é outra. E quando você traz pesquisa para a sua dança, eu acho que quem está de fora consegue também apreciar esse espetáculo de uma forma diferente, eu acho que fica muito nítido né? A gente que está lá, sempre inserida nas apresentações, eu acho que fica muito nítido quando você vê que o professor fez os alunos pesquisarem, e quando o professor fez os alunos reproduzirem né? Eu acho que fica muito nítido, então eu acho que essas ações, essa coisa de colocar o seu aluno como pesquisador, como criador, como tudo, faz com que em cena seja diferente, então o que vai causar no espectador também vai ser uma coisa diferente. Você está vendo uma pessoa em cena ali, mas você está vendo uma pessoa em cena com autoridade, com dinâmica, com autoestima... "cara eu estou dançando aqui o que eu pesquisei, eu estou fazendo o meu movimento, o que eu criei, eu não estou aqui fazendo o movimento ruim para o meu corpo porque foi o que eu aprendi", esses pequenos detalhes vão fazendo a diferença para quem está apreciando. Quando você traz o aluno como esse tudo: bailarino, pesquisador, interprete, quando você dialoga e faz esses pequenos movimentos o resultado é sempre diferente. São ações que acabam valorizando, são pequenas atitudes que pais e outros professores... eu lembro que quando eu trabalhei o

Lázaro, quando eu falei do livro, um tanto de professora comprou o livro para poder trabalhar também, para poder estar por dentro **CONEXÃO FALHOU (SEM DESCRIÇÃO)** não foi uma coisa que eu precisei pedir, foi um resultado diferente, a partir de toda uma pesquisa, mas que falou “opa, olha que diferente né? Uma dança diferente, então vou ajudar”. Então são essas pequenas coisinhas que vão trazendo esse diferencial.

J: A gente já está terminando a entrevista, e eu queria que assim, se faltou algum tema que a gente não discutiu na entrevista para você comentar, e se você acha que foi tudo, ok.

A: Ah, eu acho que falei tudo... eu falo muito, né Ju? (risos)

J: Eu adoro! Dá pano para manga. (risos)

A: Eu embolo uma coisa na outra, quando chego no meio da resposta eu já esqueci qual era a pergunta (risos) eu vou emendando.

J: Pode falar.

A: Vê só por você, se está bom.

J: Para mim está ótimo. Vou só parar a gravação para me despedir direito

TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA- B

J: Primeiramente, boa noite. Muito obrigada pela disponibilidade. Eu vou pedir que você se identifique e fale em qual instituição você está trabalhando.

A: Boa tarde. Eu sou xxxxxxxxxxx, professor de dança e educação física. Trabalho atualmente na Rede Pública e na Rede Privada também.

J: Sim. xxxxxx, antes da gente começar a entrevista, eu gostaria de saber se você autoriza a gravação dela para a transcrição.

A: Sim, sim, pode gravar sim.

J: É importante lembrar que não vamos usar seu nome para nada, a entrevista é sigilosa, na hora da análise dos dados. Bem, a gente vai dividir a entrevista em três eixos

principais: no primeiro eixo vamos falar um pouco sobre as concepções e perspectivas do tema da dança dentro das escolas; no segundo eixo vamos procurar falar sobre o mapeamento de estratégias que garantam o processo de inclusão da dança nesses espaços escolares; e no terceiro vamos conversar sobre os desafios da implementação das danças nas escolas.

A: Ok.

J: Então, primeiro para a gente começar, vou pedir que você fale a sua formação acadêmica e a quanto tempo você trabalha na área da Educação.

A: Bom, minha formação é em educação física, sou especialista em dança também, e trabalho na área da educação, nossa... por contrato tem 15 anos, sem contrato tem mais de 25 anos.

J: Muito tempo, né?

A: Muito tempo, muito tempo. Dei aula em muitas escolas, ajudei a UF também, a montar dança para um grupo de dança que tinha lá, então... assim desde 1995, 1990... eu dei algumas aulas na Escola Monteiro Lobato também em 1995. De lá para cá eu vim trabalhando com dança.

J: Show. Para você o que é a dança? Quais palavras e sentimentos surgem quando a gente começa a refletir um pouquinho sobre o tema?

A: A dança para mim é... como eu digo, né? Tudo o que eu tenho hoje eu agradeço a dança. Então a dança para mim hoje é tudo. Ela é sentimento, ela é ritmo, ela é reflexão, ela é... se eu estou triste eu danço, se eu estou feliz eu danço também, então ela me completa ao todo, entendeu? Eu me sinto bem.

J: Você como professor, qual a sua concepção/opinião a respeito da dança nas escolas de Juiz de Fora?

A: Bom, a dança aqui em Juiz de Fora é... como eu posso falar de uma forma mais clara? Teve uma época boa, teve uma época boa, o pessoal trabalhava com mais gosto, o pessoal acreditava mais e de uns tempos para cá houve um pouco de mudança, eu não sei porque, não vejo um motivo aparente, mas a dança nas escolas é importantíssima, ela tem um valor muito grande e traz muitos benefícios, não só na cultura corporal, mas também da autoestima, da coletividade... ela engloba todos esses valores né? Então ela

é muito importante, não só, na formação do cidadão também ela ajuda, então é muito bom.

J: Você considera o projeto da Secretaria Municipal um projeto que valoriza a dança como área de conhecimento?

A: Valoriza a dança sim. Eu acho que sim, apesar da luta que os professores enfrentaram anos e anos para ter esse projeto sabe? Então, teve muitos grupos de estudos... então eu acho que é muito influenciável sim. E não tem que parar não, tem que valorizar mais... são anos e anos dos professores irem trazendo a dança, inclusive a sua mãe né? Então é uma coisa que você faz, faz e faz e na hora que tem que continuar, o pessoal vai e acaba! Tem que continuar, nas pessoas com ideias novas, propostas novas para chegar e levantar.

J: Fechei o microfone por que decidiram bater um prego aqui, inclusive senhora minha mãe (risos).

Você se considera um disseminador dessa arte da dança na instituição em que você trabalha?

A: Sim, sim, sim. Desde 2007, antes também, mesmo não tendo essa formação, mas já trabalhava dentro das escolas, e dentro delas eu consegui fazer projetos sociais. Eu tenho vários e vários alunos que vinham nas escolas para fazer comigo, e dentro desses alunos, muitos formaram na educação física pensando na dança, não foi “ah, eu vou fazer educação física para dar aula de ginástica”, não, eles fizeram educação física pensando justamente na dança. Então eu acho assim, que eu ajudei a popularizar um pouquinho, talvez uma parcela pequena, mas com certeza eu ajudei sim.

J: Com certeza. Então a gente vai passar agora para o segundo eixo, que é sobre o mapeamento da dança nas escolas. Vou pedir para que você fale agora quais ações que tem sido desenvolvida por você com vista a favorecer essa concretização da dança como essencial no espaço escolar.

A: Você poderia repetir para mim, por favor?

J: Com certeza. Quais ações que tem sido desenvolvida por você com vista a favorecer essa concretização da dança como essencial no espaço escolar? Então, o que você faz para garantir que a dança seja essencial na escola?

A: Voltando um pouquinho naquela pergunta que você fez sobre o projeto, eu tento fazer um trabalho de forma honesta, prazerosa, de uma forma lúdica porque trabalho com crianças, então de uma forma lúdica também, tento debater e levar algum tema que a gente possa sentar e discutir, entendeu? É uma coisa que eu amo, então eu tento levar o máximo de coisas maravilhosas, questionando, cobrando para que a dança na escola não acabe.

J: E eu vou pedir então, agora, que você conte para a gente como você trabalha a dança nas suas aulas.

A: Bom, primeira coisa que eu faço é um bate papo, organizo ali uma roda, pergunto qual tipo de dança que eles gostam, se já ouviram falar de dança X ou Y, converso com eles. Daí a gente passa para uma prática, né? Trabalho alguns elementos, a questão de ritmo, conhecer o corpo, conhecer um pouco do espaço... então eu trabalho com eles assim. Depois a gente discute temas que a gente possa trabalhar em cima, valores, em cima de músicas que eles possam gostar também, não só o que eu gosto, mas o que eles podem gostar também, para a gente fazer um elo, né? E mostrar para eles também que toda dança tem o seu ponto de liga, depende de como ele vai aceitar, entendeu? Eu sou bem questionado dentro das escolas, por que eu já falo assim “não dou funk”, e eles perguntam “mas por que você não dá funk?”, por que para aprender funk não precisa de estar aqui, se for dar funk nas escolas os professores não precisam de estar lá, porque eles já sabem, já dançam, já escutam isso o dia inteiro. Eu estou aqui para trazer um conhecimento a mais do que o funk, e eles acabam aceitando. Não coloco uma música de funk, coloco outro tipo de música, música pop, música brasileira, e eles acabam aceitando porque eu entro com essa conversa antes e mostro o porquê de não colocar funk. Eu conto uma história de vida para eles, “ah, quando eu comecei a dançar, lá em 1988, não tinha nada de funk. O funk antigamente era dançado assim (ai eu mostro) e foi mudando e tal. Então se vocês querem chegar, quem gosta de dançar, chegar aonde eu cheguei, dançando funk pode chegar sim, mas tem muita concorrência. Dançando desse jeito aqui a concorrência é menor, você tem uma chance maior de viajar para fora, ou de dar aulas, de ser chamado para várias escolas, então você tem que ser um pouquinho diferente daquilo que 90% dos jovens gostam de dançar, que é o funk.”

J: Bem, agora eu vou pedir para você falar um pouquinho, quais ações você desenvolve com os alunos, tendo em vista desenvolver expressões artísticas neles, ligada a dança. Acaba que a gente está batendo mais um papo, então você responde uma pergunta na outra, mas não tem problema, é só para...

A: Aham. Pera aí, repete aí pra mim.

J: Quais ações você desenvolve com os alunos, tendo em vista desenvolver expressões artísticas neles, ligada a dança.

A: Bem, a expressão... eu levo um pouco para o lado do teatro, tento fazer com que eles representem um pouco, não só chegar e fazer o movimento nu e cru, né? Eu coloco alguns tipos de música, conto uma história e eles tentam expressar um pouco... expressar o que a letra, o que o poema está querendo dizer. Tento recuperar um pouquinho não só da expressão fácil, mas da corporal num todo, né? Faço uma concentração com eles também, faço uma meditação também, onde eu coloco uma música e enquanto essa música está rolando eu vou falando.

Eu acho até estranho, fiz isso uma vez a muitos anos atrás, eu dava aula no Curumim, daí eu coloquei uma música bem lenta e mandei as crianças deitarem e fecharem os olhos... concentrar só na minha fala. Daí eu fui falando e na hora que eu vi tinha uma criança chorando, a outra chorando também, e foi toda a sala. Nunca pensei que eu ia atingir nelas um sentimento tão... passei um sufoco, tive que pedir ajuda, chamei os outros professores também. Não sabia que eu ia atingir tanto assim neles, uma delas falou "ah, porque o meu cachorrinho faleceu", e o outro já estava chorando não sei por que, e assim foi. E a minha fala não foi voltada para isso, mas conseguiu despertar neles uma coisa assim, que eu nem sei como. (risos) Crianças tem dessas coisas.

J: Tem mesmo.

E aí a gente já entra no último eixo, de desafios de implementação. Para você, quais são os maiores desafios e conflitos que você encontra para a implementação da dança nas escolas?

A: Ah, um pouco... posso falar do espaço físico, né? Quando você tem, você tem um trabalho bom e quando não tem a gente faz o máximo que a gente pode. Tem escola que eu já dei aula no meio da educação física, a aula de educação física acontecendo ali e eu

dando aula de dança do outro lado. E aí? Fica difícil de manter a concentração, e a gente cobra muito isso. As vezes eles estão fazendo a dança e vai lá pular corda. Então esse é o mais difícil, por que o resto eu acho que é tranquilo. Material humano, o som... não questiono muito em questão de espelhos, mas é muito importante que a criança possa se ver, mas no caso não tem como a criança se ver dançando, entendeu? Então acho mesmo que é o espaço físico.

J: E o que você acha, tipo assim, do desenvolvimento do aluno através da dança? O que falta? Quais são as possibilidades de trabalho dentro das escolas, para que o aluno consiga se desenvolver através da dança?

A: Comprometimento da direção, né? Que muitas vezes não se importa, você chega lá para dar a sua aula e “bom dia”, entrou para dar aula, tchau fui. Coordenação também não fala nada, só chega para falar “ó vai ter festa junina, tem dança para apresentar?”, então o que falta é isso, porque só chega para cobrar quando tem alguma festa. Se não tem festa, não tem cobrança, não tem nada.

E também a participação dos pais, é muito importante isso, por que é uma aula extra turno, a criança vai em casa e volta para fazer a aula, e se os pais não derem esse apoio, a criança vai em uma aula, falta na outra e depois volta de novo, e aí fica comprometido a questão da dança.

J: E para você, o que falta para a dança ser entendida como essencial dentro da escola?

A: Bom agora já faz parte do currículo, né? Tem que ter a dança. Agora, para ela ser essencial... bom, é fazer o que a lei manda, se ela faz parte da grade curricular eu acho que ela tem que ter o valor que ela merece. Acho que todo professor de dança iria gostar de pegar cada sala, igual acontece na educação física, de pegar cada turma aí ela vai passar a ser essencial. Mas quando tiver um projeto, entendeu? 50 alunos, 100 alunos acho que ela não vai ser tão essencial dentro das escolas, ela vai ter uma falha muito grande. É só fazer valer a lei.

J: Essa valorização né? Que a gente ainda não vê.

A: Não vê e isso aí não é só a dança não, educação física também.

J: E a gente então, vai encaminhando para o final da entrevista e eu vou pedir para que você comente algum aspecto que talvez não tenha sido discutido na entrevista e que você acha relevante para a pesquisa.

A: Deixa pensar... A gente não falou da dança nas aulas de educação física, né? Que é pouco trabalhado por que as vezes o professor não tem conhecimento e acaba não trabalhando essa questão da dança, e acaba perdendo uma forma de cultura corporal, cultura de desenvolvimento que o aluno possa ter. Acho que é uma forma que a gente devia bater um pouquinho na tecla, né?

E a questão da licenciatura em dança, que vai acabar perdendo muitos talentos, porque não vai poder mais ser contratado quem não tiver licenciatura em dança, né? Por mais que você dance e tenha um talento invejável, não vai valer nada. Seria isso.

J: xxxxxx,, eu vou encerrar a gravação só para conseguir me despedir direitinho.

TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA- C

J: Boa tarde!

E: Boa tarde!

J: Antes da gente começar a entrevista, eu vou pedir para que você se identifique, fale o seu nome, e a escola em que você atua hoje em dia.

E: Eu me chamo xxxxxxxx, e sou professora de dança na Escola xxxxxxxxx há 12 anos.

J: xxxxxxxxxx, a nossa entrevista vai ser gravada e eu preciso saber se você está de acordo com isso.

E: Sim.

J: É importante lembrar que você não vai ser identificada na hora da análise dos dados, tá bem?

E: Ok.

J: Bem, a nossa entrevista vai ser dividida em três eixos principais. No primeiro eixo a gente vai conversar um pouquinho sobre as concepções e sobre as perspectivas da dança nas escolas, no segundo nós vamos falar sobre o mapeamento de estratégias acerca do mesmo assunto (da inclusão da dança nas escolas), e para terminar nós vamos falar no terceiro eixo das possibilidades e desafios da implementação de ações que visem o fortalecimento da dança como uma linguagem artística e parte do currículo das escolas. Lembrando que vai ser mais uma conversa, nada muito formal, para você se sentir bem à vontade.

E: Ok.

J: Vamos começar então? Eu já havia mandado as perguntas para você dar uma lida anteriormente, e também disponibilizei elas no chat para ter como seguir direitinho.

E: Tá certo.

J: Então vamos começar. A primeira pergunta, vou pedir para que você fale sobre a sua formação acadêmica.

E: Eu tenho graduação em Arte, em suas quatro linguagens, e em Educação Física. Atualmente eu faço pós em Dança e Teatro pela FARESE e Dança em Cadeira de Rodas pela UFJF.

J: Há quanto tempo você trabalha na área da educação?

E: Eu comecei em 1984, então dão 38 anos.

J: Um cadinho de tempo, né? (risos)

E: Um pouquinho (risos).

J: xxxx, para você, o que é a dança?

E: A dança é escrever um poema com o corpo, já dizia Martha Graham né? É onde você consegue transmitir os seus sentimentos através dos movimentos.

J: Quais palavras e sentimentos surgem em você quando a gente começa a conversar um pouquinho sobre a dança, quando refletimos sobre esse assunto?

E: Liberdade. Eu acho que a dança é se libertar. Quando a gente começa a dançar, realmente a gente se desliga de tudo e fica só em cima dos movimentos que surgem do corpo.

J: Como professora, quais são suas concepções/opiniões a respeito da dança nas escolas de Juiz de Fora?

E: Eu ainda acho que está engatinhando. Eu trabalho na Rede Municipal, tive o privilegio de entrar como professora, e a gente tem em Juiz de Fora quarenta e poucas escolas com dança, sendo que são mais de mil escolas né? E infelizmente, está indo. Agora, nas escolas particulares, elas são consideradas extra classe, então não tem acessibilidade a todos os alunos durante as aulas no turno deles, então as vezes dificulta um pouco os pais que não tem como levar fora do horário, ou buscar. Eu acho que a gente deveria focar um pouco da contribuição dentro da grade escolar, e aqui em Juiz de Fora só acontece dentro das escolas de tempo integral.

J: Você trabalha somente na Rede Pública?

E: Rede pública, particular e academia de dança.

J: E você consegue enxergar alguma diferença nessas redes públicas e privadas? Ao tratar da dança?

E: Sim. Na rede pública o interesse da dança é muito grande, mas tem muita dificuldade dos alunos em praticar a dança, eles têm muita dificuldade. Eles começam, e só depois de um certo tempo se familiarizam, eles conseguem deixar o corpo fruir. Já nas escolas particulares que eu dou aula, você vê diferente, tem um incentivo muito grande dos pais, e você vê que as crianças tem uma simpatia maior pela dança, a princípio, pelo acesso a música... você consegue fazer um pouco mais rápido as expressões corporais.

J: Aham. Você considera que o projeto de educação da Secretaria Municipal de Juiz de Fora valoriza a dança como área de conhecimento?

E: Olha, atualmente estamos com uma administração muito boa, no departamento de Arte e Cultura, e eles tem se empenhado muito para a dança chegar em todas as escolas da Rede. Inclusive, em 2019 eu fui convidada para a assinatura do projeto de Arte e Educação definitivo da Rede Municipal. Eu acho assim, acabando a pandemia, porque logo depois veio a pandemia, vai dar mais acessibilidade a isso, então eu considero que eles se empenham sim. Mas ainda encontra barreiras da parte burocrática, da parte financeira, para levar para mais escolas esse ensino da dança.

J: E você se considera uma disseminadora da Arte, na instituição em que você trabalha?

E: Sim. Na escola que eu trabalho, eu me considero sim, por que eu consigo fazer um trabalho além da sala de aula, consigo envolver os alunos que não estão e fazer com que desperte esse interesse na dança, e quando tem os eventos realizados pela prefeitura, eu consigo um apoio muito grande da parte administrativa e dos outros professores, que me ajudam no trabalho de libertação dos alunos, junto a mim.

J: Muito bom. Agora a gente vai entrar então no segundo eixo.

E: Ok.

J: Quais ações têm sido desenvolvidas por você, com vista a favorecer a concretização da dança como essencial no espaço escolar? Então, quais ações você desenvolve para que a dança seja fortalecida dentro das escolas que você trabalha?

E: Bom, no principio do ano, quando eu entro na escola e os alunos novatos chegam, a gente trabalha com um aulão e a explicação de qual a necessidade na parte física, motora e psicológica. Então assim, alunos que achavam que chegariam lá só para dançar, começam a enxergar a dança com outro aspecto. E durante o ano inteiro a gente faz projetos dentro da escola, que englobam muito a dança, em conteúdos da escola, quando o professor tem alguma dificuldade, mesmo aqueles alunos que não estão na dança a gente reúne dentro da sala de aula para poder fazer com que a dança trabalhe o raciocínio lógico e desenvolvimento rápido, cognitivo, e a criação. Então assim, já tem... eu estou tendo o privilégio de estar a muito tempo nessa escola, 12 anos, e a gente tem visto bastante resultado e motivação dos alunos a dançar e a motivar os que não estão. Eu acho muito interessante! E quando eles vão participar de algum evento, a equipe diretiva leva a escola inteira para assistir, então acho que isso aí também motiva, junto com o meu trabalho lá dentro. Eu não estou sozinha, eu tenho o apoio da escola inteira.

J: Isso com certeza ajuda mesmo.

E: Com certeza.

J: Como você trabalha a dança nas aulas? Conta um pouquinho como são as suas aulas, seus planos de aula, como que é a cronologia, como você trabalha a dança...

E: Eu trabalho em três etapas diferentes, em três segmentos diferentes: a escola pública, a particular e a academia.

A parte da academia é a que eu acho a mais direcionada artisticamente, por que geralmente são pessoas que estão ali para aprender a dançar, já procura a gente com esse objetivo. Já na rede particular, a gente trabalha com criança, a criança que é muito agitada, a concentração dela, a parte da criação da criança e ate mesmo a postura e condicionamento, além das técnicas apresentadas, e da coreografia. Agora, na rede municipal esse trabalho vai um pouquinho mais longe; a gente tem um currículo da rede que chama Dança e Educação, e aí a gente trabalha com eles também a auxiliando o desenvolvimento junto a sala de aula. Então a gente tem relatórios dos professores, de alunos que tem dificuldade em se concentrar, em aprender e a se expressar né? Alunos que são muito tímidos... isso tudo é passado para a gente, e dentro da aula com a dança a gente consegue fazer um trabalho que junta a leveza da dança, a vontade de dançar, dentro da sala de aula que é um pouco mais imposta para o aluno. Fica muito mais leve o desenvolvimento dentro de sala de aula, os professores relatam nas reuniões pedagógicas, o desenvolvimento bem acentuado dos alunos que praticam a dança para aqueles que não praticam a dança, e aí a gente parte para poder motivar os que não estão, para poder conseguir uma turma homogênea para o professor regente.

J: Eu então vou discordar de você. (risos)

E: (risos) por que?

J: Porque você falou que a parte da academia é voltada mais artisticamente, e eu acho que... você estava comentando um pouquinho de como era o trabalho nas escolas particulares e públicas, elas são bem voltadas para a arte né? Esse negócio de expressão, de movimento, isso tudo é arte né? Não é porque na academia as pessoas vão atrás de técnica, por que elas querem, que é mais artístico que as escolas que visam outro tipo de formação, não é mesmo?

E: Correto, sim correto.

J: Quais ações têm sido desenvolvidas por você, tendo em vista desenvolver nos alunos essas expressões artísticas ligadas a dança?

E: Primeiro eu acho que é a motivação. Você tem que estar naquela aula ali de corpo e alma, pronta para acolher o aluno e mostrar para ele que ele também é capaz, por que se ele se sentir capaz, ele vai conseguir projetar a arte, e se ele não se sentir capaz e

depende sempre do professor... vamos colocar assim, para ser uma muleta dele, ele não vai conseguir enxergar arte ali. Por que o mesmo movimento que um faz, o outro pode fazer de uma maneira similar, mas expressando muito mais do que ele. Eu gosto de trabalhar muito nas aulas não só a coreografia, mas o criar do próprio aluno, em um momento específico para eles deixarem o corpo fluir de acordo com a música e sentimento daquele momento.

Em cima disso, a gente joga para a parte técnica e artística. A gente até brinca, né? “você falou que não sabia dançar e se expressar”, e eles se expressam muito bem. então a gente consegue colocar nele uma confiança, uma autonomia e uma autoestima em considerar que ele é capaz de estar ali, e criando arte, não apenas dançando.

J: Certo, é... e aí a gente entra então no nosso último eixo, a parte de conclusão mesmo da entrevista.

E: Correto.

J: Para você, quais são os maiores desafios e conflitos enfrentados para a implementação da dança na escola?

E: É... um pouco de preconceito, porque tem muitos pais que falam que dançar vai tirar a atenção e o foco do aluno, que é tempo perdido... então eu acho que a gente bate muito de frente com essa questão. A questão também do preconceito de gênero, no caso dos meninos, tem muitos meninos que acham que é só para mulher... eles não encaram a dança como uma expressão corporal e sim como uma questão de gênero, então a gente encontra muito essa barreira.

A questão do próprio raciocínio lógico dos meninos, se tratando no caso de rede particular, você vê que tem alguns que são bem limitados no criar. Eles não conseguem acreditar neles e acreditar que são capazes de fazer alguma coisa. E eu acho que a dança não tem limite, ela é para todo mundo, então temos que conscientizar a importância da dança, não só na parte física, porque hoje estamos com muitos adolescentes obesos, diabetes, coisas que não se viam antigamente... a parte física é muito importante, mas o conhecimento corporal e artístico para o aluno também é muito importante, e isso tudo juntando se torna uma arte.

J: E você encontra alguma dificuldade, por exemplo, frente a direção da escola? Por não valorizar tanto a dança como... vamos colocar ela como uma matéria, porque na rede municipal ela é tida como parte do currículo, né? Então, parte do currículo, como outras áreas são tidas como parte desse currículo.

E: No caso, eu me considero uma pessoa de muita sorte, eu fiquei em poucas escolas e isso é uma coisa rara, você conseguir ficar em uma escola durante muito tempo, mas assim, no princípio quando entrou na rede, e quando nós começamos a divulgar esses trabalhos nas escolas particulares, a gente enfrentava um certo distanciamento da equipe diretiva.

Na rede particular é porque eles teriam que ficar um pouco mais de tempo do que a sala de aula, e isso acarretaria mais funcionários na escola durante um tempo. E quando tinha festa na escola, vinha aquela famosa coisa “você tem uma dancinha para as crianças apresentarem?”, então eu acho que isso incomodava muito, mas como eu estou nas escolas há muito tempo, eu consegui levar isso para a equipe diretiva, que a dança ela não é apenas uma dancinha, ela faz parte da vida de todo mundo, não só como arte, mas consciência corporal. Eu consegui nas escolas que eu estou atualmente, todos já conseguem enxergar a dança de maneira diferente, tanto é que na E.M. Manuel Bandeira, na minha iniciação lá, eram só 8 aulas que eu tinha lá, completava com outra escola o cargo, e a diretora vendo o desenvolvimento e interesse dos alunos, vendo os alunos querendo ir para escola, os pais indo na escola ver as atividades dos alunos (gincanas dançantes, festivais) e era muito importante o pai com a gente, e aí eles resolveram junto a Secretaria de Educação, com o pedido elaborado pela direção, incorporar mais aulas na escola, inclusive estender essas aulas para horários intermediário, que seriam crianças que tem mais dificuldade na sala de aula e que fica na escola durante mais tempo, e a dança foi colocada como componentes que mais desenvolve interesse no aluno e que ajuda no decorrer de sala de aula. Eu na época fiquei muito envaidecida, porque eu despertei... quando eu entrei lá não tinham tantos alunos interessados na dança, e hoje a gente tem quase 80% da escola fazendo aula, e a minha meta é chegar a 100. E eu fico muito envaidecida porque eu tenho alunos da rede municipal, que enfrentou essa barreira de preconceito contra a dança, e que a

dança não levava a nada, e que a dança era muito a parte dividida... que quem dança é mulher, e hoje ele é um ótimo professor de dança da rede municipal, é meu colega de trabalho. Então assim, isso me envaidece muito, faz ver que realmente a gente consegue mudar o pensamento das pessoas com a dança.

J: Não só o pensamento, né? Às vezes, até a vida mesmo das pessoas.

E: Sim, sim a vida, por que as vezes são pessoas que estão totalmente sedentárias... hoje você vê que não consegue viver sem a dança. Eu brinco muito com os meus alunos, a dança é uma cachaça, quando você começa a dançar você não consegue parar. Ela te liberta de tudo, você pode estar com o problema que for, quando você começa a dar uma aula você não consegue lembrar de mais nada, só lembra de deixar ir de acordo com a orientação do professor. Isso é muito interessante, ela elimina qualquer pensamento negativo da nossa mente.

J: Sim. Vamos para a próxima pergunta então. De acordo com as suas perspectivas, quais são as possibilidades de trabalho dentro de espaços escolares, visando sempre o desenvolvimento dos alunos através da dança?

E: A barreira principal que a gente tem enfrentado, eu acho que é um ponto que a gente tem que trabalhar muito em cima, é o espaço para dançar. Infelizmente o espaço físico ainda é muito pouco, na maioria das escolas. Mas eu acho que a gente trabalhando... a minha perspectiva é levar a dança para toda a escola, como hoje se tem a educação física, ter a aula de dança também, porque ela desenvolve muito o aluno e forma cidadãos totalmente centrados e com seu objetivo de chegar na sua profissão, vida familiar e tudo. Então acho que a dança contribui muito para isso.

Há muito tempo atrás teve um estudioso da dança, François Belsat, ele observava os movimentos das pessoas em praças, nas ruas, em parques e até mesmo em hospícios, que na época existia muito. Ele começou a observar como o movimento se liberta de maneiras diferentes, mas com a mesma intenção. Quem tiver a oportunidade de ver o trabalho e as pesquisas, seria muito interessante porque mostra o desenvolvimento da dança na vida da pessoa, antes e depois da vida da pessoa, de praticá-la.

J: Legal. E para você, quais seriam as possibilidades de trabalho dentro dos espaços escolares.

E: Eu acho que seria total, se você tiver vontade você pode dançar no refeitório, na sala, arrastar cadeiras, o espaço pode ser mínimo e você consegue fazer um bom trabalho. Você tem que conhecer o histórico dos seus alunos, principalmente o familiar, porque ajuda muito a entender o comportamento da criança (as vezes a criança é muito travada por um acontecimento familiar), mas eu acho que eu tento levar essa leveza para dentro de sala de aula, entendeu? Eu já dei aula em pátio, onde está acontecendo a educação física atrás e eu na frente, em frente a salas de aula com professores pedindo para fechar a sala, com gente passando... eu acho que quando você gosta da dança, você consegue fazer um trabalho bom, direcionado e respeitado em qualquer instituição escolar. Depende muito do profissional que vai entrar naquela escola, para que a dança ali dentro flua de maneira contínua e sempre crescente.

J: Mas seria mais fácil, se a dança fosse vista como essencial, seria né?

E: Com certeza, né? Eu acho que ela é essencial em todos os aspectos. A parte física, emotiva, intelectual, né? Ela é prazerosa, é uma maneira de você aprender com prazer e se o aluno tiver prazer, você consegue fazer o aluno aprender, por mais debilitado... por mais obstruído que seja o seu raciocínio, quando começa a trabalhar com uma coisa prazerosa é muito bom. Espero que futuramente, porque infelizmente eu já devo estar aposentada por conta da idade, mas eu espero ver a dança chegar amplamente em toda a escola, seja ela de educação infantil a ensino médio, e as vezes até mesmo nos cursos superiores com alongamento e postura, até mesmo para aguentar a maratona de uma faculdade, é muito importante.

J: Estamos lutando para isso. Estamos correndo atrás disso.

E: É, hoje em dia tem muita pesquisa em cima da dança na educação, na parte pedagógica. Vários profissionais, tanto de juiz de Fora, quanto fora de Juiz de Fora e do Brasil também, estão lutando para isso. E assim, devagar a dança está crescendo e vindo com força.

Quando eu fui estudar, fazer faculdade... eu sempre fui doida com dança, eu virei para a minha mãe e falei que iria fazer faculdade de dança, ela não se opôs e nada, daí cheguei perto dela falando que havia feito a inscrição e que precisava do dinheiro para ir lá fazer, aí ela “mas como?” e eu falei “é porque é na Bahia”, e ela falou que não, que eu poderia

fazer qualquer faculdade desde que fosse em Juiz de Fora. Só tinha na Bahia, entendeu? Agora não, temos a faculdade de dança em várias cidades. Eu faço parte de um projeto e Juiz de Fora para trazer a licenciatura de Dança para Juiz de Fora, já estamos nesse projeto há uns 4 ou 5 anos... A gente já conseguiu trazer a pós, quem sabe a gente consegue ainda trazer uma licenciatura de dança para Juiz de Fora. Eu acho que, se essas faculdades começarem a se expandir e as pessoas começarem a ver a importância da dança na parte pedagógica, acho que a dança com certeza entrará em um campo bem grande de muitos frutos.

J: A próxima pergunta é exatamente sobre isso, para você o que falta para a dança ser entendida como essencial dentro das instituições?

E: Bom, primeiro mais faculdades para você ter mais profissionais capacitados para trabalhar com a dança, porque infelizmente vemos no meio da dança profissionais que não são capacitados. Então, em vez de fazer um trabalho bom, você vai ter um retroativo, onde a criança vai desmotivar, o pai não vai achar legal e isso influi muito. Então acho que a primeira instância é: faculdade de licenciatura em dança dever ser mais abrangente.

Em segundo, uma conscientização dos familiares. O trabalho direcionado em reuniões pedagógicas, reuniões de pais... a gente observa nas escolas particulares, quando fazemos no início do ano a adesão não é tão grande, mas quando tem reuniões, quando a gente tem festas organizadas pela escola onde a dança participa, e os pais veem, desperta vontade de colocar seus filhos também. Acho que a divulgação é muito importante, a cultura em geral ela tem que ser divulgada, tem que ser acessível para qualquer nível social, por que você tem grandes bailarinos em Juiz de Fora, grandes companhias e os valores são poucos que podem ter acesso. Se o acesso fosse maior, a conscientização por ela seria muito maior.

Então eu acho isso, faculdades, mais acesso à cultura com valores menores de ingressos, mais patrocínio para grupos poderem viajar mais e levar a sua arte, por que isso com certeza irá despertar os nossos jovens.

J: Mas... a gente queria saber mesmo dentro das escolas. O que falta para a dança ser entendida parte do currículo?

E: Tá. Primeiro, capacitação. Aqui em Juiz de Fora colocarem dança não vai ter capacitação para todas as escolas. Segundo fazer um trabalho de conscientização para a equipe diretiva, que a dança não atrapalha, por que tem muitos diretores que infelizmente falam “nossa, no dia de dança a escola fica uma agitação só”, realmente a escola fica em uma agitação só, porque a criança gosta, é aluno chegando é aluno saindo. Tem que ver não como uma agitação, mas sim como uma coisa boa, de interesse, que está levando o aluno...principalmente nas escolas que são contraturno, os alunos não estão na rua na hora da aula de dança, entendeu?

E uma divulgação mais voltada para a dança, por que se coloca a dança? Por que se coloca dança na escola? O pessoal acha simplesmente que “ah, dança é a para aprender a dançar”, e não é só para isso. Então essa ampla divulgação, não só em Juiz de Fora, mas em nível nacional, uma divulgação da importância da arte em geral, para as escolas fluírem melhor. Por que flui gente, é nítido a gente que trabalha... quando eu entrei era uma coisa totalmente diferente do que é hoje, eles vinham assim... tinha escola que via a dança como tapa buraco, “ah, não tem professor para esse horário, vamos colocar a dança”, e hoje já não é assim, mas nas escolas que nós atuamos com a dança porque conseguimos mudar a cabeça da diretora e ela conseguiu passar isso para os professores e principalmente para os pais. Enquanto não houver um trabalho em equipe, a escola não vai conseguir abraçar a dança.

J: Certo. E para terminar a nossa conversa, eu vou pedir para que você comente algum aspecto que a gente não tenha comentado nessa entrevista e que pode ser relevante para a pesquisa. Se tiver também, né? Por que falamos de tantas coisas...

E: Eu acho muito importante a gente destacar a questão do aluno especial. Por que tem muitas escolas que as vezes fala “ele tem uma certa dificuldade em aprender”, tem uma certa dificuldade sim, mas não é porque todos tem uma certa patologia que a aula vai ser igual não... eu tenho alunos com síndrome de down, alunos autistas, cadeirantes, PCs, múltiplos, visuais, auditivos, cadeirantes e cada um é diferente do outro. Acho que esse trabalho é muito importante, deixa de ser um pouco só da dança e passa a ser social, por que os meninos começam a interagir com os outros de uma maneira tão gratificante, e é

tão gostoso ver os outros querendo ajudar, apoiar, ensinar... Eu acho importante o aluno ensinar, não é só o professor que deve ensinar.

Eu acho muito importante a inclusão do aluno do ensino especial na dança. Não só naquele horário, uma turma só de síndrome de down. Não! Ele pode desenvolver menos, mas pode desenvolver até mais. Eu já tive alunos que surpreenderam de maneira gratificantes.

Tem pensamentos de professores que assim “ah, mas na hora que vai para a apresentação, ele vai destoar”, e daí? Ele é realmente diferente, deixa ele destoar, por que ele está fazendo ali o melhor dele, e hoje o pior dele amanhã vai ser o melhor. Então, eu acho muito bom se todos os professores das escolas onde atuam conseguissem motivar os alunos e, especialmente, aqueles que são do ensino especial.

Tenho uma passagem que aconteceu comigo o ano passado, que eu fiquei muito orgulhosa. Tem uma aluna que tem síndrome de down e um pouquinho de autismo, e tem hora que ela se desliga da aula, não adianta... você pode chamar elas, que ela fica no canto dela. Eu percebi que aquele era o limite dela, e não forçava. Chegando a pandemia, a gente faz algumas atividades e a mãe me mandou um vídeo dela. Não era vídeo de atividade, era ela com a mãe, a mãe lavando a roupa e as bonecas todas assentadas, e essa aluna começou a ensinar as bonecas a dançar! E o que me chamou a atenção foi a fala dela e o jeito: era o meu jeito e o meu vocabulário. Até o gesto de colocar a mão para trás, para agachar e colocar a música ela fazia. Então ali eu observei que mesmo no momento que ela não estava andando junto com a turma, que ela estava se isolando, ela estava aprendendo. De repente por causa de um cansaço físico por excesso de medicação que eles tomam, mas o cérebro continuou. O físico parou e o cérebro continuou.

Isso na época me deixou até emocionada, foi até uma discussão na nossa reunião pedagógica na escola.

J: Legal. Nessa pandemia, eu acho, eu tive também... eu trabalho em uma academia de dança e as aulas de dança puderam voltar. E aí, o número de alunos que a gente vem recebendo por orientação médica, o médico indicou que fizesse alguma atividade artística, é muito alto. E as mães, a maioria criança, que a dança está sendo uma terapia,

está sendo um trabalho que está salvando de várias doenças mentais... tem aluno que está com o corpo todo pipocado, já está meio biruta da cabeça, e eu acho que a pandemia veio para arte, para mostrar para as pessoas a importância da arte, bem ou mal trouxe um pouquinho mais de valorização, mostrando que a arte realmente salva vidas.

E: A arte é um remédio. Você pode não saber dançar nada, bota uma música e deixa se levar naquela música. Você vai fazer uma coreografia que jamais imaginou em fazer, e é o que eu falo para os meus alunos, qualquer movimento... se eu fizer um estalar dos dedos é dançar. Deixa a música entrar dentro de você e soltar os seus sentimentos. Melhor terapia não tem.

J: Beth, a gente chegou ao final da nossa entrevista. Eu agradeço demais a disponibilidade, a atenção, comigo e com a pesquisa também.

E: Eu que agradeço você por ter me convidado.

J: Agora já está de noite, então uma boa noite para você...

E: Boa noite e uma boa semana.

J: Deixa eu encerrar a gravação, para poder despedir de você certinho.

TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA- D

J: Espera que está iniciando... Ae. Antes da gente começar então, eu vou pedir que você se identifique, fale seu nome e a escola que você atua.

M: Tá.

J: Tanto municipal, como se você tiver alguma outra atuação em escolas da rede privada.

M: Tá bom. É, meu nome é xxxxxxxx,, eu sou professora de dança da rede municipal, na Escola xxxxxxxx, e também, atualmente eu estou na Secretaria de Educação, na supervisão de Arte e Cultura. Também sou professora de dança no Colégio xxxxxxx.

J: Eu cresci dentro do xxxxxxxr. Minha mãe dava aula lá quando eu era pequenininha. Eu cresci... Conheço todos os cantos...

M: (risos) Eu lembro que ela me contou “Eu trabalhei no Bom Pastor muitos anos atrás”

J: xxx,, eu preciso da sua autorização para gravar a entrevista. É importante lembrar que não vamos te identificar na hora da análise dos dados, e essa entrevista também vai ficar só comigo para fazer a transcrição.

M: Tá, tudo bem.

J: Eu vou te explicar mais ou menos como a entrevista vai acontecer, só para você ficar por dentro. Nós dividimos em três eixos principais, a primeira de concepções e perspectivas sobre o tema da dança nas escolas. No segundo eixo, buscamos fazer um mapeamento das estratégias que buscam a inclusão da dança nesses espaços escolares, e no terceiro eixo buscamos as possibilidades e desafios da implementação da dança como uma linguagem artística que faça parte do currículo das escolas, tá? Vai ser mais um bate papo mesmo, nada muito “ai meu deus, o que eu tenho que responder”, nem nada assim.

M: Tá bom, tá joia.

J: Então vamos começar.

M: Vamos lá.

J: É, primeiro eu vou pedir que você fale a sua formação acadêmica e a quanto tempo você atua na área da Educação.

M: Tá, eu sou licenciada e bacharel em Dança, tenho uma especialização em Teatro e Dança na Educação, e concluí no ano passado o meu mestrado em ensino das Artes Cênicas. Eu atuo... esse ano faz dez anos que eu estou atuando com Dança na Educação.

J: Tempo para caramba.

M: Tempo para caramba, passa rápido.

J: Para você o que é a dança? Quais palavras e sentimentos surgem quando a gente começa a refletir um pouquinho sobre o tema?

M: Bom, assim, para mim, no momento atual e a um bom tempo, a dança vem sendo uma descoberta. Tanto pessoalmente, comigo dançando, como ensinando, porque a

cada passo que a gente vai ensinando, a cada aula que a gente propõe, tem uma coisa nova aparecendo. Então a gente vai descobrindo, então eu acho que atualmente a dança está na descoberta, é um trabalho, uma pesquisa diária, e... prática né? Acho que a teoria e a prática andam juntos. Acho que é isso.

J: Como professora, qual a sua opinião/concepção a respeito da dança nas escolas de Juiz de Fora.

M: Eu vejo aqui em Juiz de Fora um grande avanço, sabe Ju? Por que a gente estuda, pesquisa e vê que em outras cidades, estados, a dança não está tão presente como está aqui em Juiz de Fora nas escolas. São muitas escolas com dança, seja ela como projeto ou como disciplina mesmo né? Não gosto muito desse nome, mas, fazendo parte da carga horária do aluno, a dança está muito presente. Eu vejo assim, é muito boa essa presença da dança, mas as vezes eu vejo que a qualidade da dança oferecida pode melhorar, tendo professores mais ativos, empenhados, fazendo novas pesquisas, trabalhar de uma maneira diferente... Por que as vezes tem tanto tempo que o professor trabalha, que fica acomodado, naquela rede... naquele quadradinho dele, e aí trabalha uma dança que é voltada só para cópia, ou então tem aquele plano de aula preparado e não sai daquele plano de aula. Então eu acho que precisa de um pouquinho da evolução dos professores, mas não reclamo de maneira alguma, por que só dela estar presente em muitas escolas (são muitas escolas, a grande maioria, não sei te falar o número exato, mas é na grande maioria), isso é maravilhoso, por que a gente já coloca o aluno, desde cedo em contato com o movimento, por que vai desde a educação infantil até o nono ano, tem dança em todos os seguimentos. Eu vejo isso como um grande avanço, perante outros municípios, outras prefeituras que a gente escuta falar e pesquisa aí.

J: Com certeza. Você considera que o projeto de Educação da Secretaria Municipal de Juiz de Fora valoriza a Dança como área de conhecimento?

M: Sim, a gente tem como referencial, um referencial curricular de Arte. Nesse referencial de Arte, ele é dividido em todas as linguagens artísticas, são desenvolvidas, cada um com os seus elementos, seus conteúdos específicos. Então eu considero sim, que tem essa preocupação como elemento artístico, linguagem artística, autonomia, sabe? Eu trabalho em uma escola que a Dança é parte curricular dos alunos, assim como o Teatro,

Artes Visuais, Música... Então eu vejo que trabalhamos com esse referencial curricular de Arte, baseado nele, junto com a BNCC, esse referencial também foi construído... Então eu acho completamente que se preocupa sim (risos).

J: Você se considera uma disseminadora da Arte na instituição em que você trabalha?

M: Aaah! Eu me considero! (risos). Tudo eu quero colocar a dança, vamos mostrar, vamos fazer, sabe? Sempre... da gente estar presente, estar pensando nesses momentos. Não trabalho a Dança só ali, com meus alunos dentro da sala de aula, né? Eu levo esses alunos para mostrarem para outras pessoas, para a escola. Tento levar esse tema de Arte, de dança, para as reuniões pedagógicas, com os professores, para trabalhar em conjunto, para trabalhar junto também. Eu sempre estou ali batendo o martelo, acho que as vezes é até chato sabe? “A não, mas tem a dança também, vamos falar sobre isso” (risos). E eu sinto isso por que a direção da escola permite também né? Tem essa abertura. Então eu dissemino a dança na escola para todo lado (risos)

J: Agora a gente vai entrar então no segundo eixo, na parte de mapeamento, tá?

M: Tá.

J: Quais ações têm sido desenvolvidas por você, com vista a favorecer a concretização da dança como essencial nos espaços escolares.

M: Bom, agora vamos pensar, por que estamos nesse período remoto a tanto tempo que eu só consigo pensar nas ações remotas (risos).

J: Não tem problema, você pode comentar das ações remotas também.

M: Por que assim, a dança está nesse... Como eu desenvolvo isso? Eu tenho percebido que ela está indo agora, nesse momento novo, para além desse espaço escolar. Antes eu ficava na escola, dava as minhas aulas, a gente fazia uma turma assistindo a outra, semanas literárias a gente apresentava o processo que estávamos construindo, estava sempre presente, participando de ações da própria Secretaria de Educação... E agora, nesse momento remoto, a dança tomou uma proporção que talvez, se estivesse só na escola, a gente não esperava assim.... por que assim, eu mando uma atividade para uma criança, a mãe tem que ler a atividade, e a proposta é que a criança faça com um adulto da casa... então está envolvendo tanta gente agora, sabe? Envolve a família... aí eles me mandam vídeo na rua, fazendo com os colegas. Então eu acho assim, que essas ações

efetivas são ações que mostrem que a dança todo mundo pode fazer, não é... não sei se podemos chamar de luxo... que não é alcançável. Eu tento mostrar isso na escola, e agora está indo para outras vertentes, está tomando outros caminhos que... tá sendo bom.

Não sei se eu te respondi.

J: Respondeu sim. Eu vou pedir agora para você comentar com a gente, como você trabalha a dança nas suas aulas.

M: Tá, eu já falei aqui um pouquinho né? Que eu não gosto de focar na dança como cópia de movimentos. Eu acredito que a dança na escola está presente nesse espaço, para além disso, além de ficar só uma cópia. Se a gente trabalha só a cópia de uma técnica específica, de alguma dança que eles gostam, não engloba todos os alunos, sabe? Por que os corpos são diferentes, e aí as vezes, vai desmotivando. Aí um sai da aula, o outro não quer fazes... Então eu procuro trabalhar uma dança que a gente possa explorar os movimentos de cada um, sabe? De cada aluno, o meu movimento como professora também entra na dança deles. Eu acho que a partir dessa exploração dos movimentos dele, eu consigo inserir que se trabalha na dança... eu trabalho muito com Laban e seus elementos de força, tempo... então eu consigo trabalhar com movimentos a partir de movimentos que partem dos alunos. Acabam que eles se sentem mais parte, sabe? Então eu proponho uma brincadeira “Ah, qual é a brincadeira que você gosta? Qual é o movimento dessa brincadeira? Vamos fazer mais devagar?” E aí já transformou, e aí todo mundo consegue fazer por que eu não fico “ah, está certo, está errado, estica mais...” é o limite, a capacidade que cada um consegue fazer. Eu trabalho com a dança por esse caminho assim, muito com o que o aluno tem para que ele se sinta motivado para explorar novos movimentos, novos elementos... E aí a gente vai criando junto, eu falo para eles “vamos criar a dança, essa é a dança da turma tal”, e assim... eles vão se identificando e tomando para si aquilo, não fica algo muito mecânico. Fica mais humanizado, e... com mais sentimento sabe?

J: Laban é um prato cheio né? Para trabalhar com as crianças.

M: É! E também a gente... porque assim “ah assim acaba rapidinho”, por que assim, vamos fazer a brincadeira lenta. Gente, dá para trabalhar só o lento durante um

semestre, porque aparecem tantos movimentos diferentes... Laban nos dá possibilidades de trabalhar a longo prazo sabe? E os meninos não esquecem, você vê os pequenininhos falando “vamos fazer o movimento lento?”, não é devagar, é bonitinho.

J: (risos) é, quais as ações tem sido desenvolvidas por você, tendo em vista desenvolver nos alunos essas expressões artísticas ligadas a dança? Acaba que a gente tá batendo um papo, e as vezes você responde uma pergunta na anterior, mas não tem problema, é só para você comentar mesmo.

M: Aham, tá. Acho que além de explorar, da exploração desse movimento, dele conseguir ver que isso também é artístico né? Não é só aquilo que está na TV, ou no vídeo que eles assistem, não é só aquilo que é artístico. Eles também são e também podem ser artistas e criar. Mas eu também gosto de mostrar para eles vídeos, de companhias de dança, e o que tem a ver com a faixa etária que eles estão. Gosto de a gente estar comentando desses vídeos, com os maiores... os pequenos a gente também fala, mas com os maiores a gente consegue aprofundar. Gosto de ver o que eles entendem como artístico, então peço para que eles enviem as danças que eles gostam, e a gente vai conversando sobre isso, até onde a gente pode ver a dança como Arte ou a dança só para a mídia, temos esses papos com os meninos maiores. Eu acho que é isso, a gente levar para os espaços públicos, quando a gente podia ir, levar em um teatro, em um cinema, também está envolvendo trabalhar esse lado artístico, é tudo um pacote.

J: Com certeza. E aí, a gente já entra no último eixo, que são as questões das possibilidades e desafios.

M: Aham.

J: Quais são os maiores desafios e dificuldades encontradas para a implementação da dança nas escolas, no seu ponto de vista.

M: É, um pouco ainda, eu vejo como um desafio, a falta de informação, tanto de gestores da escola, sabe? Até de outros professores também, por que implementar a dança na escola, é a dança com esse olhar de educação, né? De ela ocupar um lugar, e muitas vezes vamos implementar a dança na escola, e as pessoas não tem esse lugar. Quer que você ocupe o tempo livre do aluno, te dão alguns horários que você nem consegue dar aula, é almoço, escova dente, dorme, e a aula de dança mesmo não acontece. Então eu

vejo que o desafio ainda é conversar com as pessoas para explicar qual o papel da dança na escola, o que o professor de dança está fazendo ali, não é só uma recreação, não é só trabalhar a auto estima do aluno... Então um grande desafio ainda é esse.

Outro desafio que eu vejo, ter um espaço adequado na escola, para a gente trabalhar essas aulas. As vezes, ótimo, a gente chega, tem uma boa vontade, diretor entendeu, só que a gente chega e tem uma sala minúscula, cheia de cadeiras... Sabe? É um esforço muito grande para a dança acontecer. Ou então é um pátio, e é nesse pátio que está acontecendo Educação Física, Dança, recreio... Você fica meio perdida, não sabe se chama os alunos, se dá aula, então acho que esse espaço físico preparado para uma aula de Arte, não só pensado para a Dança, porque as escolas são pequenas, tem pouco espaço, mas sei lá, seja uma sala de Arte, com o espaço mais livre, que tenha um som que funcione. Ainda é um desafio que temos que vencer dentro das escolas, mas a gente está caminhando, vamos lá (risos).

J: É. (risos)

M: E agora nem temos esse espaço na escola, agora é a sala da minha casa.

J: Pois é, e acaba sendo os mesmos esforços. (risos)

M: Mesma coisa, minha casa não foi preparada para uma aula de dança, então arrasta sofá, arrasta móveis. E nem dos alunos né?

J: É verdade. De acordo com as suas perspectivas, quais são as possibilidades de trabalho dentro das escolas, visando sempre o desenvolvimento do aluno através da Dança. Eu digo assim, o desenvolvimento não na dança especificamente, mas o desenvolvimento dele.

M: Tá. Por que a dança, né Ju? Ela trabalha... A dança desse jeito que eu estou falando o tempo todo, já visa trabalhar o desenvolvimento, pensando no desenvolvimento do aluno para além da dança. Por exemplo, se você trabalha a questão espacial, o espaço que seu corpo ocupa, isso vai para características do aluno fora da sala de aula, em um ambiente, por exemplo, em um ambiente em que ele precise ficar mais quietinho, né? Trabalhar aquele foco. Acho que a dança já está ali, a gente não foca tanto nisso, mas ela já está permeando coisas para que os alunos levem além da sala, levem para a vida dele, né? Em um momento em que ele precise de um foco mais direcionado, que a gente

trabalha aquele movimento direcionado, agora aquele momento em que ele pode ficar mais livre, pode estar mais solto, conversando. Então isso acontece na vida dele, tem vários momentos assim, então se a gente conseguir relacionar... mostrar para ele que tem relação, quando está mais maiorzinho que a gente consegue falar mais dessa relação desses elementos fora da dança em si. Eu vejo também essa questão de, talvez de empoderamento mesmo sabe? Dele se colocar, saber que ele é importante, que ele tem voz, que ele pode falar... por que se a gente trabalha dentro de sala de aula que o movimento dele é importante, “olha o movimento dele que legal”, a gente está trabalhando essa questão dele se emponderar, então para fora de sala ele pode sentir vontade de se colocar, de saber que o que ele tem para falar ou movimentar é valioso, não precisa ficar recluso. Eu penso muito nisso assim, lógico que eu não falo diretamente com os alunos igual eu estou falando com você, mas eu vou trabalhando essas questões. Quando chega um momento, uma conversa, até pode tocar nesse assunto, até pode ser falado isso assim. Mas eu vejo que a dança trabalha assim... um ser humano como todo, não é só ali para criar dança né? A gente acaba se conhecendo melhor, é... e você é mais capaz de saber onde você pode chegar. Vai mais por esse caminho.

J: Ótimo. E para você, o que falta para que a dança seja entendida como essencial dentro das instituições?

M: Ai meu deus, eu acho que falta política. Muita, sabe? Se partisse... se esse pensamento chegasse (não vai partir né? Por que já está partindo de baixo) se esse pensamento chegasse até o poder público, quem tivesse lá encabeçando diversos pensamentos da importância da dança, dessa visão que estamos conversando aqui, seria algo bacana para movimentar mais, para a dança estar mais presente assim. Eu acho que falta diálogo, entre os professores, entre a classe artística, porque as vezes muitos professores de dança que estão dentro das escolas também são artistas da dança fora da escola, mas muitas vezes não entende e cria um distanciamento. Não pode ter esse distanciamento. Mas eu acho que a valorização da Arte, não vejo só na dança, artistas dessas esferas... poder público, da classe artística... eu falo classe artística porque muitas vezes tem artista que não vê que o que está sendo construído dentro da

escola é arte também, sabe? Então acontece essa desvalorização desse núcleo também. Acho que é isso, diálogo, conversa, movimentação pública... um caminho longo.

J: Com certeza. xxxxx, vamos agora para o último ponto que é o seguinte, se você acha que faltou algum ponto nessa pesquisa que a gente poderia ter abordado, para você comentar.

M: Não é que faltou, mas assim, fico pensando que seria legal... no início você pediu para falar da minha formação, então seria legal falar de formação. Porque eu venho pesquisando e pensando assim, a um bom tempo, essa relação que o professor tem com a escola, vem desde a faculdade, né? Então eu percebo, até na prática, que professores licenciados na área tem uma visão diferente de professores que não são licenciados na área. Eu não posso falar o que está certo ou errado, quem sou eu para afirmar isso, mas como trabalhar essa dança na escola. Não que o professor não licenciado não possa ocupar esse lugar, até aqui em Juiz de Fora nós temos muitos que ocupam esses lugares de professor de dança nas escolas, mas você está atualizando. Tem aquele professor que está a muitos anos naquele mesmo lugar, mas está parado, dando sua mesma aula, sem nem atualizar. Isso parte muito de professores que não são licenciados na área, eles se acomodam e ficam ali. Tem professores não licenciados que correm atras, procuram “não, qual o pensamento que tem agora” e aí tudo bem, tranquilo. Mas podia conversar sobre essa questão, formação na área, licenciatura na área, é importante? O que traz de diferente, qual o pensamento desses licenciados né? O que está acontecendo, na prática está bacana mesmo? E é isso assim.

J: Eu vou parar a gravação só para conseguir me despedir de você.

M: (risos). Tá bom.

REFERÊNCIAS

BASTOS, Fernanda Ribeiro de Nardi. **As Políticas Educacionais para Arte/Dança e os Modos de Inserção do Licenciado em Dança no Ensino Público em Minas Gerais.** Tese (Mestrado em dança) Programa de pós-Graduação em Dança. Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2019: Disponível em <<https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/30762>> Acessado em 15/07/2020

BEDIN, Thais. VIEIRA, Ethieli. **Uma Reflexão Sobre o Ensino Da Arte Nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental**. XI Congresso Nacional de Educação, P.16830. Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Curitiba, 2013: Disponível em < https://educere.bruc.com.br/CD2013/pdf/7679_6390.pdf> Acessado em 17/07/2020

BEZERRA, Dagmar Dnalva da Silva. RIBEIRO, Luciana Gomes. **A história do ensino da dança no Brasil e a Educação Básica**. INCOMUM REVISTA – V. 1, N.1, 2020 Revista de Arte, Educação, Profissionalização e Comunidades Instituto Federal de Goiás – IFG. Goiás, 2020: Disponível em < <https://revistas.ifg.edu.br/incomum/article/view/750>> Acessado em 20/08/2020

BRASIL, S. de E. F. **Parâmetros Curriculares Nacionais. Primeiro e segundo ciclos do ensino fundamental: educação física**. Ministério da Educação/Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: 1997. Disponível em < <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro07.pdf>.> Acesso em 12/07/2020.

_____. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. **Base nacional comum curricular**. Brasília, DF, 2016. Disponível em: < <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/#/site/inicio>>. Acesso em: 12/07/2020

_____. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Diário Oficial da União, de 23 de dezembro de 1996. Disponível em < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9394.htm> Acessado em: 18/07/2020

CAUM, Catarine e Nascimento, Tatiana G. **O “Conteúdo Básico Comum”: uma análise linguística da Proposta Curricular de Minas Gerais**. R. B. E. C. T., vol 5, núm. 3, set-dez.2012. Disponível em < <https://periodicos.utfpr.edu.br/rbect/article/viewFile/1384/899>> Acessado em: 05/08/2020

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 43. ed., São Paulo: Paz e Terra, 2011.

FURLAN, Elisângela. FIUZA, Alexandre Felipe. **Ensino de Arte Na Década De 70: As Diferentes Linguagens Visuais e Sua Influência na Formação Educacional Do Sujeito**. Seminário de pesquisa do PPGE. Universidade federal de Maringá. 2013: Disponível em <http://www.ppe.uem.br/publicacoes/seminario_ppe_2013/trabalhos/co_02/48.pdf> Acessado em 10/08/2020

KATZ, Helena. **Um, Dois, Três, A Dança é o Pensamento do Corpo**. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica) Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo 1994. Disponível em < <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/21162> > Acessado em: 20/07/2020

MINAS GERAIS. Secretaria do Estado de Educação: **Currículo Básico Comum**. Belo Horizonte: SEE, 2014. Disponível em < <https://curriculoreferencia.educacao.mg.gov.br/index.php/cbc> > Acessado em: 24/07/2020

_____. Secretaria do Estado de Educação. **Currículo Referência de Minas Gerais**. Belo Horizonte: SEE, 2019. <https://curriculoreferencia.educacao.mg.gov.br/index.php/cbc> > Acessado em: 24/07/2020

PREFEITURA DE JUIZ DE FORA. Secretaria de Educação. **Proposta Curricular Arte – Juiz de Fora/MG**: 2012. Disponível em: http://www.pjf.mg.gov.br/secretarias/se/documentos/miolo_artes.pdf Acessado em: 10/08/2020

PREFEITURA DE JUIZ DE FORA. Secretaria de Educação. **Proposta Curricular Arte (Atualizada)**– Juiz de Fora/MG: 2020.

SILVA, Edna Christine. **Conversando Sobre Dança: A formação continuada em dança na rede municipal de ensino de Juiz de Fora.** Congreso Latinoamericano de Educación por el Arte “Qué Arte Para Qué Educación”. 2014.

SILVA, Edna Christine. **Dança na Educação Básica: uma análise da produção de conhecimento à luz da teoria corpomídia.** 2018. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica) Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2018. Disponível em < <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/21330>> Acessado em 30/07/2020

VAZ, Carolina Delanogare. **A Educação no Brasil na Década de 1990.** Tese (Trabalho de Conclusão de Curso). Faculdade de Ciências Econômicas. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2010. Disponível em < <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/28162>> Acessado em 030/07/2020.